

Os sentidos patrimoniais na periferia

inventário de referências culturais
para São Miguel Paulista

2

Os sentidos patrimoniais na periferia

inventário de referências culturais para São Miguel Paulista

caderno 2

Yasmin Darviche

orientação

Prof^a. Dr^a. Flávia Brito do Nascimento

Trabalho Final de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

São Paulo | julho, 2017

Sumário

Apresentação

7

Edificações

9

- 1 Capela de São Miguel Arcanjo **10**
- 2 Sítio Mirim **12**
- 3 Chácara Biacica **14**
- 4 Estação de Trem e Linha Variante **16**
- 5 Companhia Nitro Química Brasileira **18**
- 6 Conjunto de equipamentos assistenciais da Nitro Química **20**
- 7 Chaminés da Nitro Química **22**
- 8 Clube de Regatas da Nitro Química **24**
- 9 Sede Social do Clube da Nitro Química **26**
- 10 Muro e Portaria da Nitro Química **28**
- 11 Hospital e Maternidade Santa Terezinha **30**
- 12 Correios **32**
- 13 Cine São Miguel **34**
- 14 Cinema Lapenna **36**
- 15 Catedral de São Miguel Arcanjo **38**
- 16 Escola Estadual Carlos Gomes **40**
- 17 Escola Doutor Diogo de Faria **42**
- 18 Escola Estadual Professor Dário de Queiroz **44**
- 19 Escola Estadual Dom Pedro I **46**
- 20 Sede do Círculo Operário **48**
- 21 Mercado Municipal Doutor Américo Sugai **50**
- 22 Kaikan **52**
- 23 Casa de Brunhosinho **54**
- 24 Mesquita Khalid Ibn Al-Wallid **56**
- 25 Casa Amarela **58**

Lugares

61

- 26 Rio Tietê **62**
- 27 Praça do Forró **64**
- 28 Avenida Marechal Tito **66**
- 29 Avenida Nordestina **68**
- 30 Avenida Pires do Rio **70**
- 31 Rua Arlindo Colaço **72**

- 32 Rua Salvador de Medeiros **74**
33 Rua Serra Dourada **76**
34 Avenida Doutor José Artur Nova **78**
35 Praça Getúlio Vargas Filho **80**
36 Vila Americana **82**
37 Cidade Nitro Química **84**
38 Vila Nitro Operária **86**
39 Vila Curuçá **88**
40 Parque Paulistano **90**
41 Antigo Cemitério **92**
42 Cemitério da Saudade **94**
43 Praça São João de Cortês **95**
44 Casas do Norte **96**
45 Palco da Praça do Forró **98**

Formas de
Expressão

101

- 46 Forró **102**
47 Futebol **104**
48 Apito da Nitro Química **106**
49 Sindicato dos Químicos **108**
50 Partido Comunista **110**
51 Greves dos trabalhadores da Nitro Química **112**
52 Jornal da Nitro Química **114**
53 Movimento Popular Autonomista **116**
54 Movimento Popular de Arte **118**
55 Língua japonesa **120**
56 Língua árabe **121**

Celebrações

123

- 57 Festas no Clube da Nitro Química **124**
58 Desfiles Cívicos **126**
59 Aniversário de São Miguel Paulista **128**
60 Celebrações da cultura japonesa **130**
61 Celebrações da cultura portuguesa **132**
62 Celebrações da cultura islâmica **134**

Ofícios	137
	63 Ofícios ligados ao trabalho na Nitro Química 138
	64 Mascate 140
	65 Comerciante 142
Referências das imagens	145
Referências bibliográficas	149

Apresentação

Este caderno é fruto do levantamento de referências culturais do bairro de São Miguel Paulista, organizado na forma de inventário. Neste, as referências culturais estão discriminadas, uma a uma, em forma de fichas de identificação. Conforme explicado no primeiro caderno, elas foram classificadas a partir da proposta do Inventário Nacional de Referências Culturais do Iphan.

A apresentação das categorias - edificações, lugares, formas de expressão, celebrações e ofícios -, assim como das próprias referências, busca seguir uma ordem que facilite seu entendimento dentro do todo, pois nem sempre as referências explicam-se individualmente, mas são complementadas por outras, formando uma rede. Sobre cada uma das referências foi elaborado um pequeno texto que enfoca os motivos pelos quais foi considerada como tal.

Como parte do produto final desse trabalho foi elaborado um mapa de referências culturais. Como forma de apresentação, optou-se por constituir um anexo solto, facilitando sua consulta quando da leitura de quaisquer um dos dois cadernos. A ampla escala do território estudado, e a localização das referências, tornou necessária a elaboração de um mapa em grandes proporções, em que todas elas estivessem apresentadas juntas, possibilitando a análise de sua territorialização.

Este mapa está anexado juntamente aos cadernos. Nele as referências culturais estão indicadas por seu nome e número da ficha. As cores e numeração apresentadas compõem um sistema de identificação cujo objetivo é facilitar tanto sua localização neste caderno, como no próprio mapa. Desta forma, este caderno é a continuação do anterior, apresentando o inventário de referências culturais de São Miguel Paulista.

Edificações



Capela de São Miguel Arcanjo, 2017.

Capela de São Miguel Arcanjo

Condição	existente
Construção	1620 -1622
Uso original	religioso
Uso atual	religioso, museu
Proprietário	Cúria Metropolitana de São Paulo
Gestão	Associação Cultural Beato José de Anchieta
Proteção	Iphan - 1938 Condephaat - 1974 Conpresp - 1991
Localização	Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, s/n São Miguel Paulista, São Paulo, SP
Bibliografia	ALMEIDA, 2016; ARANTES, 1978, 1981, 1984, 2013; AZEVEDO, 1945; BOMTEMPI, 1970; CALDEIRA, 1984; IPHAN, 1938; MORCELLI, 2013; REIS, 2017; SAIA, 1939; SPOSITO, 1987; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

A Capela de São Miguel Arcanjo é um elemento simbólico do passado do bairro. Construída para ser local de culto religioso e escola de catequização indígena, figurou como principal edifício do bairro até meados da década de 1930. Como decorrência das mudanças pelas quais o bairro passou, ligadas ao crescimento demográfico e nova dinâmica socioeconômica, o antigo espaço onde estão inseridas a capela e a praça passou a ser um entre outros espaços importantes do bairro, como os equipamentos sociais da Nitro Química, e o centro comercial.

No âmbito institucional, a capela foi sinalizada desde o momento de formação do então SPHAN, em 1937, como um dos exemplares coloniais do território brasileiro. Tendo sido tombada em 1938, quando se deu o primeiro trabalho de restauro, elaborado e dirigido por Lúcio Costa, entre 1939 e 1941. Ao longo do século XX a capela passou por muitos momentos, desde a atuação do padre Aleixo Monteiro Mafra, entre os anos 1938 e 1962, até anos de abandono da capela por parte dos órgãos patrimoniais ao longo dos anos 1970 e 1980, quando foi ocupada por moradores em situação de rua.

Esses fatores criaram no imaginário da população a noção de que a capela era um espaço hostil, desconhecido, desagradável, até mesmo porque nesta época encontrava-se em mal estado de conservação - segundo Antônio Augusto Arantes, em conversa com a autora, em março de 2017. Como consequência a população acabou, de certa forma, se distanciando da capela, até mesmo porque os cultos religiosos passaram a ser realizados na nova Igreja Matriz.

Um importante momento de reaproximação da população do bairro com a capela foi durante a atuação do Movimento Popular de Arte, em 1978, quando foi utilizada como equipamento cultural. Porém, por desalinhamentos burocráticos entre os participantes do MPA, a Cúria e o DPH, a capela não pode continuar sendo ocupada pela via artístico-cultural, e voltou a ser fechada. Afim de evitar novas ocupações por moradores em situação de rua, foram colocadas grades no entorno próximo à capela, mantendo-a isolada.

Foi somente entre 2006 e 2010 que a capela voltou a receber atenção institucional, tendo sido restaurada, recebendo também projeto museográfico para alguns de seus espaços. Além disso, as grades foram mantidas com a justificativa de proteção do patrimônio.

Diferentemente do que se pode imaginar, estando a capela restaurada e com oferecimento de um circuito de museu, a política de visitações tem se mostrado bastante restritiva. Além disso, as grades contribuem para a manutenção do isolamento da capela, inibindo qualquer relação de pertencimento da população para com o bem. Fato que fica evidente na fala de alguns entrevistados, quando reconhecem que a capela é importante por ser um monumento histórico, embora muitos tenham entrado ali pela última vez há muitos anos, ou nunca o fizeram.



Ruínas do Sítio Mirim, 2017.

Sítio Mirim

Condição ruína

Construção século XVII

Uso original moradia, casa de pouso

Gestão Subprefeitura de São Miguel Paulista e Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo

Proteção Iphan - 1973 | Condephaat - 1982 | Conpresp - 1991

Localização Rua Urutu, s/n | Ermelino Matarazzo, São Paulo, SP

Bibliografia ALMEIDA, 2016; ARANTES, 1978; MORCELLI, 2013.

A antiga casa sede do Sítio Mirim é uma construção de meados do século XVII, sua localização é indicadora dos pontos de paragens de tropas e bandeiras nos territórios do caminho que ligavam São Paulo ao Rio de Janeiro. Construída com características típicas da chamada casa bandeirista, era utilizada como local de pouso de viajantes.

Esta antiga casa, juntamente com a Capela de São Miguel Arcanjo e a casa sede da Chácara Biacica, são os três últimos remanescentes coloniais da região, três dos bens mais antigos da cidade de São Paulo. Sua existência pode dar dimensão da importância destas terras para a cidade, como ponto estratégico da colonização. Observadas a partir de sua distribuição espacial, evidenciam o caminho leste-oeste, seguindo a várzea do rio Tietê, utilizado como rota para o Rio de Janeiro.

Atualmente, o local citado como Sítio Mirim compõe o que são os remanescentes das paredes da casa, construída em taipa de pilão. Estas ruínas podem ser consideradas um exemplo de descaso com o patrimônio. A casa foi tombada em 1973 pelo Iphan, representando a importância da tipologia da casa bandeirista para o órgão. Porém, em 1975 foi desapropriada pela prefeitura. A família que morava ali procurava manter a casa, realizando como podia ações de manutenção, entretanto, estas ações não foram suficientes para conter os problemas estruturais que o bem já apresentava.

Após a desocupação, a casa e o terreno do entorno entraram em profundo processo de degradação devido ao abandono, resultando em um espaço sem uso definido, por isso se tornou objeto de disputas. Uma construtora elaborou um projeto de uso do terreno, incluindo a demolição da casa, que foi negado pelo Iphan. Porém, nenhuma medida efetiva foi tomada além do cercamento do espaço com grades, em 2015. Nem mesmo os tombamentos por parte do estado e do município foram efetivos no sentido de sua preservação.

Além disso, o entorno das ruínas do sítio é composto por uma densa ocupação urbana com pessoas de baixa renda que não têm qualquer relação de pertencimento com o bem. Porém poucas são as medidas que buscam preservar estes remanescentes, e criar meios que incluem efetivamente a população em políticas de uso e sua consequente preservação.



Chácara Biacica protegida por tapumes, 2016.

Chácara Biacica

Condição	existente
Construção	século XVII
Uso original	capela
Uso atual	inserida no parque Várzeas do Tietê
Gestão	Departamento de Águas e Energia Elétrica - DAEE
Proteção	Conpresp - 1994
Localização	Estrada da Biacica, s/n Itaim Paulista, São Paulo, SP
Bibliografia	ALMEIDA, 2016; BOMTEMPI, 1970; MORCELLI, 2013; REIS, 2017.

A Chácara Biacica, inserida em uma grande área de mata atlântica preservada às margens de uma alça do Rio Tietê, compõe juntamente com a Capela de São Miguel Arcanjo e as ruínas do Sítio Mirim, os exemplares mais antigos da região em estudo, e da cidade de São Paulo. O nome “Biacica” remete provavelmente à um termo indígena que fazia referência a um cipó existente na região.

Na chamada Chácara dos Fontouras está a principal edificação do terreno, uma capela construída em taipa de pilão no século XVII, administrada pela ordem dos carmelitas durante o século XVII. Na década de 1930 sofreu uma grande transformação, foi adaptada à residência por Léven Vampré, um dos membros da sociedade que detinha a propriedade das terras da chácara.

Esta transformação aproveitou da configuração da capela como parte central da residência, agregando a ela espaços como quartos, banheiros, cozinha e uma varanda, o que resultou em uma construção com características não comuns e muito interessantes pela forma como o antigo espaço da nave da capela fora aproveitado, como sala de jantar da casa.

Foi praticamente a única edificação da área até a urbanização na região do Itaim Paulista, marcada por grande densidade de construções. Observada sua importância como referencial histórico e arquitetônico não somente da região, mas para a cidade como um todo, foi tombada pelo órgão municipal em 1994. Entretanto ficou abandonada por muitos anos sendo ameaçada de demolição em 2011 para a implantação de um parque.

Ao longo dos anos de sua existência, muitos foram os embates entre instituições públicas e privadas, principalmente em temas relativos à sua preservação. Atualmente, a principal polêmica sobre a área é a construção do parque Várzeas do Tietê no entorno da antiga chácara. Embora a demolição do edifício tenha sido impedida, muitas são as polêmicas sobre a atuação do Departamento de Águas e Energia Elétrica neste território, responsável pela execução do projeto do parque. Resta saber como serão feitas as intervenções de restauro na edificação, se será recuperada e inserida no contexto do parque, como forma de garantia de uso.



Estação de trem de São Miguel Paulista, 2013.

Estação de Trem e Linha Variante

Construção da linha	1921 - 1932
Inauguração da estação atual	2013
Uso original	estação de trens da Estrada de Ferro Central do Brasil
Uso atual	estação de trens da CPTM
Gestão	CPTM - Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
Localização	Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, 20 São Miguel Paulista, São Paulo, SP
Bibliografia	ARANTES, 1978; AZEVEDO, 1945; BOMTEMPI, 1970; CALDEIRA, 1984; FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

A primeira estação de trem de São Miguel Paulista foi construída em conjunto com a chamada linha variante de Poá, ou Calmon Viana, que representava um “braço” na linha tronco que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, a Estrada de Ferro Central do Brasil. A linha variante começou a ser construída em 1921, inaugurada em 1932, a partir da observação da importância das terras de São Miguel de Ururaí na produção de tijolos, além de estar localizada no caminho que levava ao Rio de Janeiro. Dessa forma, a linha foi bastante utilizada para o transporte de cargas, e de passageiros.

Como um elemento marcante na paisagem, a linha do trem é rememorada como marcador de um caminho, principalmente para moradores de vilas mais distantes. Em depoimento, o entrevistado Ivon de Souza comenta que costumava andar pela linha do trem para acessar os locais mais centrais de São Miguel, como um caminho mais fácil.

A estação de trem de São Miguel, cujo acesso inicial se dava pela Rua Salvador de Medeiros, conhecida como Rua da Estação, foi finalizada em 1926, porém passou a operar somente em 1932, quando na finalização da linha variante. Correspondia a uma organização e constituição básica de estações de trem: plataforma central, coberta por estrutura de madeira e um espaço em alvenaria reservado à bilheteria.

Esta estação de trem se tornou uma das construções mais importantes no bairro por representar o primeiro local com que os migrantes provenientes do interior da cidade, Minas Gerais e muitos estados do nordeste, se deparavam. Por isso, figura em muitos depoimentos coletados para este trabalho, como o de Pedro Piassi, como um dos locais mais citados pelos moradores antigos.

Com o crescimento do bairro, a antiga estação foi substituída por outra em 1982, mantendo-se o acesso pela mesma rua. Isto fomentou o desenvolvimento de um comércio ligado às demandas de uma população que passava ali diariamente, como lanchonetes, restaurantes, e também um terminal de ônibus, dada a necessidade de intermodalidade.

Atualmente, o acesso se faz através da Praça do Forró, em frente à Capela de São Miguel Arcanjo, tendo a estação sido novamente reformulada, inaugurada em 2013, construída em estrutura metálica aparente.

A transferência do acesso à estação para a praça tem trazido algumas mudanças à dinâmica do bairro. A Praça do Forró passou a ser mais utilizada como local de passagem, por estar próxima ao acesso da nova estação, em detrimento da Rua Salvador de Medeiros, suscitando dúvidas quanto ao futuro do comércio ali implantado em função da estação. Resta saber se essa transferência trará alguma contribuição positiva à noção da Praça do Forró como um local de sociabilidade, ou se a confirmará apenas como um espaço de passagem.



Configuração atual da Nitro Química, 2013.

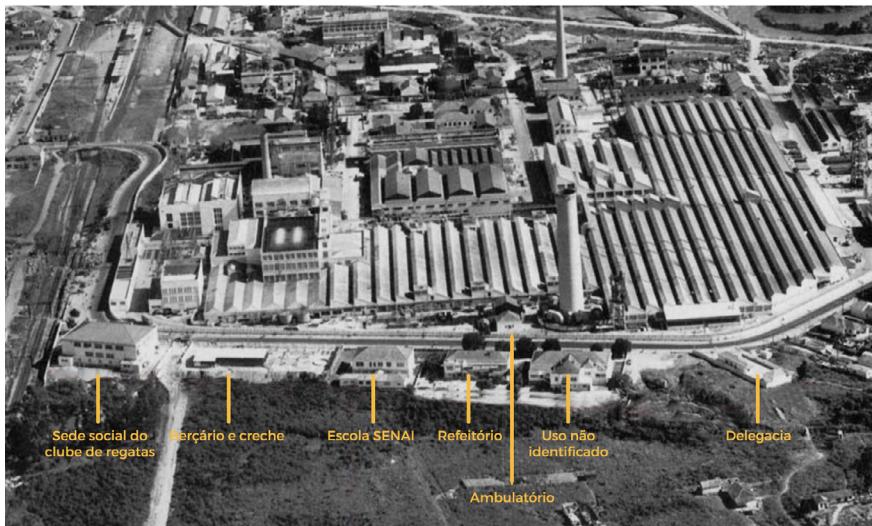
Companhia Nitro Química Brasileira

Implantação	1935
Atuação	1936 - atual
Proprietário	Companhia Nitro Química Brasileira - CNQB
Gestão original	Sociedade Irmãos Klabin e Votorantim
Gestão atual	Nitro Química
Localização	Avenida Doutor José Artur Nova, 185 São Miguel Paulista, São Paulo, SP
Bibliografia	ARANTES, 1978; AZEVEDO, 1945; BOMTEMPI, 1970; CALDEIRA, 1984; CONPRESP, 2010, 2011; FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013; REIS, 2017; ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987; TONAKI, 2013; VIANA, 1982.

A fábrica da Companhia Nitro Química Brasileira foi instalada no bairro de São Miguel Paulista em 1935, a partir da compra de equipamentos de uma antiga fábrica norte americana chamada Turbize Chatillion, que falira com a crise de 1929. Sua produção inicial se voltava para a confecção de fibras artificiais, cujo produto final era o rayon, usado para fabricação de seda artificial. Foi implantada sob atuação de uma associação entre José Ermínio de Moraes, Wolf Klabin e Horácio Lafer, a chamada Companhia Nitro Química Brasileira, com incentivos do Governo Federal para fortalecimento de indústria de base no Brasil. A região de São Miguel foi escolhida para a implantação da fábrica por conta da grande disponibilidade de terras a baixo custo, a proximidade com o Rio Tietê e com a ferrovia.

Segundo Tonaki (2013), as relações da fábrica com o Estado foram muito além dos acordos financeiros. A lógica de ocupação do bairro e a relação com seus empregados em muito respondeu à política populista que vinha sendo aplicada no governo Vargas. Aproveitando-se de uma região distante do centro, em que a ocupação urbana era bastante discreta e a oferta de serviços à população resumia-se em pequenos comércios, a fábrica lançou-se à política de assistência ao trabalhador, objetivando a partir do suprimento da demanda por moradia, lazer, educação e saúde, estabelecer um censo de coletividade e identidade com a empresa.

A CNQB se manteve, durante a Segunda Guerra Mundial, como a principal indústria química do Brasil. Entretanto, nos anos 1960 entrou em uma crise que demandou reformulação da empresa ao longo das décadas seguintes. Atualmente a fábrica continua atuando no ramo da indústria química, porém com outra forma de produção, com o nome de Nitro Química. Desde meados dos anos 1990 não atua mais em equipamentos assistenciais no bairro, porém continua muito presente na memória dos moradores, tendo contribuído para o “melhor momento do bairro”, segundo entrevistados como João dos Santos. Os remanescentes da constituição inicial da fábrica, representados pelas chaminés, o muro, e a portaria principal - reconhecidos em 2012 como patrimônio pelo órgão municipal, Conpresp -, e também as ruínas da Sede Social do clube, indicam o poder que fábrica teve no bairro, elementos importantes para a constituição da paisagem e história de São Miguel Paulista.



Implantação dos equipamentos da Nitro Química ao longo da avenida Dr. José Artur Nova, com indicação de sua localização.

Conjunto de equipamentos assistenciais da Nitro Química: farmácia, açougue, creche, berçário, escola primária, refeitório, padaria, armazém, ambulatório, escola Senai, clube de regatas, delegacia, hospital e clube social

Condição memória

Construção 1940 a 1964

Projeto engenheiros Vicente Russo, José Artur Nova e Marcelo Milliet Kiehl

Proprietário Companhia Nitro Química Brasileira - CNQB

Gestão Companhia Nitro Química Brasileira - CNQB

Localização Avenida Doutor José Artur Nova | São Miguel Paulista
São Paulo, SP

Bibliografia CONPRESP, 2010, 2011; FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013;
ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987; TONAKI, 2013.

A Companhia Nitro Química desenvolveu um amplo programa de assistencialismo ao trabalhador. Prevendo inicialmente o fornecimento de educação, saúde, lazer, habitação e segurança para os trabalhadores da fábrica e suas famílias, em poucos anos acabou se tornando a grande provedora desses equipamentos para a população do bairro no geral.

Em 1940 organizou serviços como farmácia e açougue, em edifícios pré-existentes adaptados. Em 1942 foram construídos a creche e o berçário. Posteriormente o sistema foi ampliado com refeitório, padaria, armazém, ambulatório, escola Senai, todos na década de 1940; escola primária, em 1944; clube de regatas, delegacia, hospital, na década de 1950; e clube social, na década de 1960. Equipamentos vistos como essenciais para disciplinarização dos funcionários, além de necessários ao bairro, que até então não contava com a maioria destes serviços. Por este fator, a Nitro Química passou a ser considerada a “mãe de São Miguel”, como os entrevistados Manoel da Silva, Walmira da Silva, João dos Santos, Luíza de Araújo, Edvaldo Santana e Orlando Fonseca mencionaram. Seus equipamentos eram a grande referência para os moradores, como local de lazer, suporte educacional, de saúde e espaço de sociabilidade. Alguns deles estão apresentados em outras fichas de identificação, como o Clube de Regatas, a Sede Social do Clube e o Hospital.

Além destes foi construída uma delegacia, que mostra o grau de atuação da fábrica no sentido de construir equipamentos que, em muitos dos casos, respondiam demandas do bairro como um todo. Seguindo a lógica formação do “bom cidadão”, foi construído o principal equipamento de lazer: o clube. Separado em dois locais diferentes, um próximo ao Rio Tietê, o Clube de Regatas, e outro contíguo aos outros equipamentos, a Sede Social.

A maioria destes equipamentos, representavam fisicamente a ideia do poder da fábrica, dispostos lado a lado, ao longo da Avenida Dr. José Artur Nova, materializando sua influência e intervenção no bairro. Segundo Tonaki (2013), os edifícios projetados pelos engenheiros da CNQB apresentavam organização formal semelhante: acesso central demarcado por elementos verticais, distribuição axial dos cômodos, corredores demarcando a axialidade, volume retangular levemente elevado do solo, degraus junto ao acesso central e fachada simétrica. O Clube de Regatas, Restaurante, Berçário, Escola Senai, Hospital e Ambulatório são variações diretas desta mesma planta com fachadas igualmente parecidas.

Com a crise da Nitro Química, os equipamentos foram sendo desativados e posteriormente demolidos, entre 1986 e 1988 segundo a entrevistada Sarah Aziz. Porém a materialização do poder da CNQB foi tão forte que seus equipamentos são, ainda hoje, lembrados pelos moradores antigos, citados pela maioria dos entrevistados. O terreno onde foram implantados permanece sem uso, o que confirma o vácuo deixado por eles no bairro.



Vista para o centro de São Miguel atualmente, com a chaminé de efluentes ao fundo.

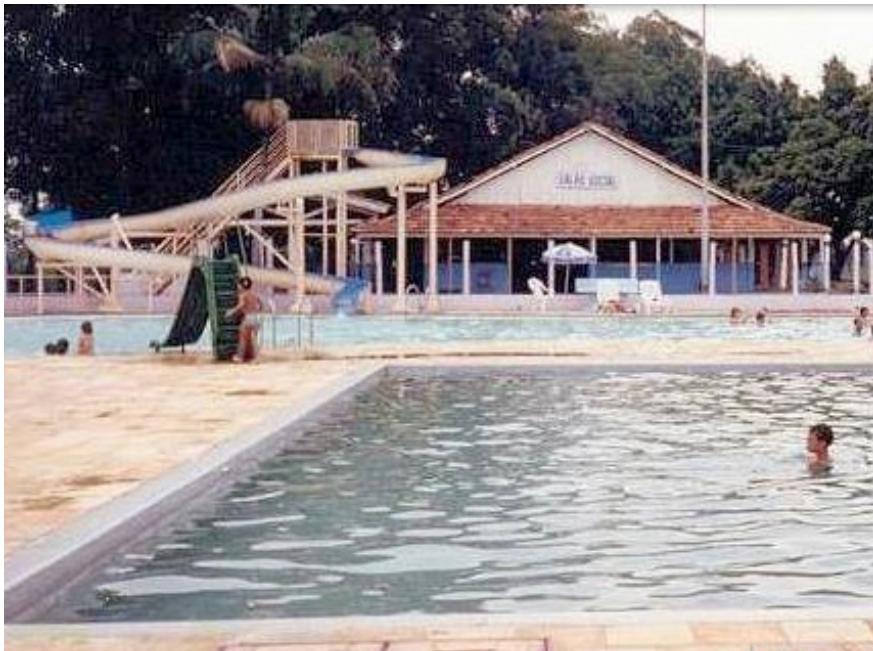
Chaminés da Nitro Química

Condição	existente
Construção	chaminés de caldeira - 1935 e 1947 chaminé de efluentes - década de 1950
Uso original	eliminação de vapores de caldeira e efluentes
Uso atual	sem uso
Proteção	Conpresp - 2012
Localização	Avenida Doutor José Artur Nova São Miguel Paulista São Paulo, SP
Bibliografia	AZEVEDO, 1945; CALDEIRA, 1984; CONPRESP, 2010, 2011; FONTES, 2002; ROCHA, 1992.

As chaminés construídas pela Companhia Nitro Química são um dos principais elementos de ocupação do espaço pela fábrica, configurando a paisagem dos chamados “subúrbios”, tratados por Azevedo (1945). Em um bairro como São Miguel, em que a ocupação urbana era quase inexistente nos anos iniciais de atividade da fábrica, as chaminés se constituíram como os primeiros elementos verticalizados a marcarem a paisagem.

A CNQB foi responsável pela construção de cinco chaminés, sendo duas chaminés de caldeira, uma delas construída nos anos de instalação dos equipamentos fabris, a outra em 1947, segundo o estudo de tombamento; 1 chaminé de efluentes, construída por volta dos anos 1950, estas construídas em alvenaria de tijolos; e duas chaminés metálicas, construídas posteriormente. Todas elas foram citadas no estudo de tombamento realizado pelo Conpresp como importantes marcos da ocupação industrial do bairro. Porém, somente as chaminés de tijolos foram inclusas no tombamento, em 2012. Com isso, foram salvas das demolições que ocorreram em 2009, que destruíram grande parte dos antigos equipamentos fabris da Nitro. Segundo o estudo de tombamento, as chaminés são “exemplar arquitetônico-construtivo da melhor qualidade [...] uma característica inegavelmente marcante do lugar” (CONPRES, 2011, p. 85).

Presentes ainda hoje na paisagem do bairro, podem ser vistas de muitos pontos, principalmente a maior delas, a chaminé de efluentes. Elas figuram na memória dos moradores mais antigos, principalmente quando mencionam o lançamento de gases pela chaminé de efluentes, provocando mau odor por todo o bairro, fato mencionado por todos os entrevistados.



Área das piscinas do Clube da Nitro Química, década de 1990.

Clube de Regatas da Nitro Química

Condição memória

Construção 1950

Uso original clube de lazer

Uso atual espaço de apoio à Nitro Química

Gestão Companhia Nitro Química Brasileira - CNQB

Localização Avenida Doutor José Artur Nova | São Miguel Paulista
São Paulo, SP

Bibliografia ARANTES, 1978; CONPRESP, 2010, 2011; FONTES, 1997, 2002;
MORCELLI, 2013; ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987; TONAKI,
2013.

O Clube de Regatas da Nitro Química foi um dos principais equipamentos construídos pela companhia, em 1950, diante da necessidade de congregar cada vez mais seus funcionários a partir de promoção de atividades esportivas e de lazer. Quando inaugurado, os funcionários eram compulsoriamente associados ao clube, cuja mensalidade vinha descontada na folha de pagamentos, segundo Fontes (2002).

Em conjunto com a Sede Social do Clube, posteriormente construída, formavam os equipamentos de lazer do bairro. Segundo Fontes, o clube ocupava papel central na vida social dos trabalhadores e residentes locais. Continha campos e quadras de futebol, piscinas, parques infantis e salão para festas, importante espaço de sociabilidade, onde eram realizadas muitas celebrações como carnavais, bailes, aniversários, shows, também eram organizadas várias modalidades esportivas como futebol, vôlei, natação, remo, estes últimos inicialmente praticados no Rio Tietê. As modalidades praticadas no rio deram o nome inicial ao clube. Com a construção das piscinas, estas modalidades deixaram de ser praticadas no rio, e seu nome inicial caiu em desuso, passando a ser chamado apenas de “Clube da Nitro Química”.

Se configurou desde o momento de inauguração até sua desativação, no final da década de 1990, como o principal clube de lazer para muitas gerações de moradores, por isso está tão presente em suas memórias, externadas na fala de entrevistados como Cícera Manso, João dos Santos, Edvaldo Santana, Orlando Fonseca e Luíza de Araújo.



Situação atual da Sede Social do Clube da Nitro Química, 2017.

Sede Social do Clube da Nitro Química

Condição ruína

Fundação 1964

Uso original festas, encontros, shows

Uso atual desocupada

Proprietário Nitro Química

Localização Avenida Doutor José Artur Nova | São Miguel Paulista
São Paulo, SP

Bibliografia CONPRESP, 2010, 2011; FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013;
ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987; TONAKI, 2013.

O edifício conhecido como Sede Social do Clube da Nitro Química faz parte dos equipamentos implementados pela Companhia em sua política assistencialista, neste caso representada pela promoção de atividades de lazer e esporte. Fundado em 1964, a Sede Social do Clube foi implantada na avenida José Artur Nova, nas imediações da fábrica, juntamente aos outros equipamentos da Nitro já instalados.

Segundo depoimentos de entrevistados Manoel da Silva e Walmira da Silva, a primeira Sede Social do Clube da Nitro Química ficava instalada onde hoje é a escola estadual D. Pedro I, implantada em 1939. Segundo Fontes (2002), este edifício era um dos grandes equipamentos da Nitro Química, bem estruturado e de grandes dimensões em um espaço carente como São Miguel. Tendo sido por muito tempo a grande referência de lazer no bairro, onde se realizavam as principais festas e concentrações públicas promovidas pela companhia.

Sua importância fica bastante evidente nos depoimentos dos entrevistados, mencionada como o principal lugar de encontro no bairro. Esta memória é tão forte, a ponto de muitos dizerem que após o término destas práticas não existiu nada que conseguisse reunir tantas pessoas para celebrações como as que eram ali realizadas, por isso as rememorações vêm sempre atreladas às atividades que nele aconteciam.

A partir dos anos 1960, em que a Nitro Química passa a reduzir o número de funcionários e de gastos devido à uma grande crise que começou no pós-guerra, seus equipamentos foram sendo desativados um a um, sendo a maioria deles demolidos. Esta sede funcionou até meados dos anos 1990, tendo sido o único equipamento não demolido. Porém foi abandonado pela empresa, entrando em constante estado de degradação, o que levou à sua ruína, como é possível observar atualmente.



Antiga portaria principal e muro da Nitro Química, 2017.

Muro e Portaria da Nitro Química

Condição	existente
Construção	muro - 1935 portaria - 1950
Projeto da portaria	engenheiro Marcelo Milliet Kiehl
Uso original	entrada principal dos funcionários
Uso atual	desocupada
Proprietário	Nitro Química
Proteção	Conpresp - 2012
Localização	Avenida Doutor José Artur Nova São Miguel Paulista São Paulo, SP
Bibliografia	CONPRESP, 2010, 2011; TONAKI, 2013.

O muro e a antiga portaria principal da Nitro Química foram dois importantes elementos para a constituição dos espaços da fábrica no bairro. O muro, construído em concomitância aos equipamentos fabris, se estende por toda a delimitação do espaço ocupado pela fábrica, ao longo da Avenida Dr. José Artur Nova.

Ambos compõem, com as chaminés e as ruínas do Clube de Regatas, os principais elementos remanescentes na paisagem, indicativos do passado do bairro. Como nenhum outro elemento com volumetria semelhante foi construído no entorno, eles ainda são grandes protagonistas na paisagem.

A portaria era o único elemento que rompia a linearidade do muro, representando o ponto que unia o espaço de fora com o de dentro da fábrica. A partir da fala de ex-funcionários entrevistados, a portaria pode ser interpretada como um elemento chave para a compreensão da vida dentro e fora da fábrica. Mencionada por entrevistados como Manoel da Silva, Walmira da Silva e Luíza de Araújo como local de encontros dos funcionários com suas famílias ao final do expediente. Simbolicamente importante também para os momentos de organização operária, pois as principais manifestações trabalhistas foram realizadas na frente desta portaria.

A portaria e o muro ficaram muito tempo abandonados, o que prejudicou sua conservação. Com a modificação das formas de atividade da fábrica, a portaria foi desativada, tendo sido construído um muro onde ficava o portão. Dessa forma, ela deixou de representar o espaço que permitia a ligação entre o “fora” e o “dentro” pendendo, de certa maneira, seu sentido. É um dos elementos tombados da fábrica, juntamente com as chaminés e a antiga casa de força.

Em 2015 recebeu uma intervenção de grafite com o objetivo de representar a história do bairro de São Miguel, organizada pela Nitro Química, e executada por grafiteiros do bairro. É possível observar através dos episódios apresentados no muro, que a narrativa ali representada corresponde à história oficial, sem maiores críticas ou reflexões.

Na pintura estão representados os muitos elementos que, indiscutivelmente caracterizam o bairro, como a Capela de São Miguel Arcanjo, a Catedral, a Nitro Química, a Estação de Trem, a presença dos migrantes e imigrantes, as escolas Carlos Gomes, D. Pedro I, entre outros, porém sabe-se que não são os únicos elementos importantes para a constituição do bairro, e que nem mesmo a história se construiu de forma linear, como é contada ali. A pintura pode, de certa forma, ter ressignificado o espaço da rua, da calçada, provocando aos passantes a recuperação de suas memórias, mas pode também servir para propagação de uma história oficial, sem suscitar reflexões críticas sobre a narrativa nele impressa.



Hospital e Maternidade Santa Terezinha, sem data.

Hospital e Maternidade Santa Terezinha

Condição memória

Projeto engenheiro Marcelo Milliet Kiehl

Inauguração 1955

Proprietário Companhia Nitro Química Brasileira - CNQB

Localização não localizado

Bibliografia CONPRESP, 2010, 2011 FONTES, 1997; TONAKI, 2013.

O Hospital e Maternidade Santa Terezinha foi o primeiro grande hospital da região, e o último equipamento construído pela Nitro Química, juntamente com a Sede Social do Clube, tendo sido inaugurado em 1955. Representou a grande atuação da companhia no sentido de prover assistência social ao bairro, não somente aos trabalhadores da fábrica e suas famílias.

Segundo Tonaki (2013), o edifício do hospital era bastante imponente na paisagem, como todos os outros equipamentos. Sua monumentalidade e atuação contribuíram para a noção da Nitro Química como “a mãe de São Miguel”, segundo a fala da entrevistada Luíza de Araújo, que trabalhou neste edifício. Ele é qualificado pelos entrevistados como responsável por oferecer serviços que o Estado não dava conta de fornecer. Como único hospital da região, era amplamente utilizado.

Com a crise da empresa a partir dos anos 1960, em que seus equipamentos foram sendo demolidos aos poucos, o hospital foi arrendado, tendo passado a outra administração, porém acabou também demolido nos anos 2000.



Primeira sede dos Correios em São Miguel Paulista, sem data.

Correios

Condição memória

Construção 1940

Localização Rua Serra Dourada, número não identificado
São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia FONTES, 2002; ROCHA, 1992.

Inaugurado em 1940, o edifício dos Correios era um local muito importante para o bairro, pois além da Nitro Química e da Praça do Forró, era o lugar que oferecia serviço telefônico. A instalação de uma sede do serviço de correio no bairro denota o volume de pessoas que chegavam e demandavam este tipo de serviço, facilitando a troca de informações sobre a vida no bairro através de cartas entre as famílias que chegavam e as que permaneciam no local de origem, contribuindo para atrair cada vez mais migrantes.

De acordo com Fontes (2002) era um dos espaços de referência no bairro, principalmente para a população migrante que crescia. Se tornou um dos locais de chegada dos chamados paus-de-arara, caminhões que transportavam os migrantes, permitindo que estes pudessem utilizar o serviço de correio assim que chegassem ao bairro.

Atualmente, o serviço de correios está instalado em outro local, ainda no centro do bairro. O edifício que o abrigava inicialmente funciona com outra atividade comercial, porém permanece com os mesmos donos, desde os anos 1940, segundo a entrevistada Sarah Aziz.



Fachada do Cinema São Miguel, sem data.

Cine São Miguel | Cinema velho

Condição memória

Construção meados da década de 1940

Localização Rua Arlindo Colaço, número não identificado
São Miguel Paulista, SP

Bibliografia FONTES, 1997, 2002.

O Cine São Miguel foi primeiro cinema a ser construído no bairro. Segundo Walmira da Silva, Cícera Manso e Luíza de Araújo, foi visto como representante da chegada da modernidade em São Miguel, implantado na Rua Arlindo Colaço, conhecida como Rua da Fábrica.

Se configurou como um dos principais equipamentos de lazer, marcando momentos de sociabilidade, segundo as entrevistadas. Foi utilizado por pouco tempo, com a inauguração de outro cinema, o Cinema Lapenna, de maiores proporções, passou a ser conhecido como “cinema velho”. Com o tempo, perdeu popularidade e acabou fechando. Mas ainda é rememorado por moradores mais antigos como “pulgueiro”, um local pequeno e sujo segundo as entrevistadas, mas ainda sim considerado importante local de lazer.



Edifício do Cinema Lapenna atualmente.

Cinema Lapenna

Condição existente

Construção 1953

Uso original cinema

Uso atual Igreja Evangélica

Gestão Igreja Mundial do Poder de Deus

Localização Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, 2
São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; ROCHA, 1992.

O Cinema Lapenna foi construído em 1953, nas imediações da Praça do Forró. Seu nome deve-se a José Lapenna, um comerciante responsável por sua criação. Este é o segundo cinema a ser construído no bairro, representante da modernidade por suas características arquitetônicas, e por sua proposta.

O edifício foi utilizado como cinema até meados dos anos 1980. Segundo Walmira da Silva, Luíza de Araújo, Orlando Fonseca e Edvaldo Santana, os momentos de entrada e saída das seções eram ocasiões de encontro e lazer no bairro aos finais de semana, reunindo grande público. Por isso, é uma das principais referências do bairro.

O fato de ter sido implantado na praça é também um fator muito importante, pois reforça importância desse local no bairro e as referências ligadas a ele. Além disso, moradores antigos citam a imponência do edifício, possivelmente porque se destacava na paisagem por apresentar volumetria diferente dos demais, o que já não acontece atualmente por conta da modificação do entorno.

Após encerrar suas atividades passou a ser utilizado como Igreja Evangélica. Embora tenha ocorrido a mudança do uso, a configuração do espaço permanece bastante preservada, sendo até hoje utilizadas as poltronas do antigo cinema. A fachada também tem alguns elementos preservados como o desenho da platibanda, a marcação do corpo central, a configuração das janelas do segundo pavimento e um pouco da organização das aberturas no térreo.



Catedral de São Miguel Arcanjo, 2017.

Catedral de São Miguel Arcanjo

Condição

existente

Construção

1952 - 1965

Proprietário

Cúria Metropolitana de São Paulo

Gestão

Associação Cultural Beato José de Anchieta

Localização

Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, 11
São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia

FONTES, 2002; MORCELLI, 2013.

A Catedral de São Miguel Arcanjo começou a ser construída em 1952, a partir de uma aliança entre a organização religiosa do bairro, representada por Padre Aleixo e a Nitro Química, que contribuiu para o financiamento da obra.

Embora a justificativa de sua construção seja o aumento do número de fiéis, demandando um espaço maior, uma obra deste tipo representou a proposta de afirmação do poder religioso no bairro, em vistas do crescimento da força dos trabalhadores em aliança com o Partido Comunista e o Sindicato dos Químicos, justificando o financiamento por parte da Nitro Química.

Após finalização da construção, em 1955, as práticas religiosas passaram a ser realizadas em seu espaço, antes concentrado na Capela de São Miguel Arcanjo. Em seu pátio frontal, onde funciona um estacionamento, são realizadas festas, uma representação importante do que acontecia do pátio frontal da capela. Por ter sido construída no entorno da Praça do Forró, próxima à antiga capela, a simbologia do lugar como um espaço de identidade católica se reforça.



Escola Estadual Carlos Gomes, 2017.

Escola Estadual Carlos Gomes | Grupo Escolar Carlos Gomes

Condição

existente

Construção

fim da década de 1950

Gestão

Governo do Estado de São Paulo

Localização

Avenida Antônio Bernardo Silvestre, 203
São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia

FONTES, 2002.

A Escola Estadual Carlos Gomes foi a primeira escola de ensino primário da região de São Miguel Paulista, compondo as escolas do chamado Grupo Escolar. Foi instituída dada a grande demanda pelo ensino básico para a população que vinha crescendo, principalmente com o grande aumento do número de migrantes.

A instituição foi inaugurada em 1938 e funcionava em uma construção simples, semelhante a uma casa, na Rua Miguel Ângelo Lapena, centro de São Miguel, segundo o entrevistado João dos Santos. Durante o período da noite recebia a função de ensino ginásial, denominado Professor Francisco Roswell Freire.

O edifício onde hoje está instalada a escola foi construído no fim da década de 1950, recebendo as funções escolares a partir do início dos anos 1960, quando então a instituição foi transferida para lá.

Por ser a instituição escolar mais antiga do bairro, foi o local onde muitos dos entrevistados estudaram. Atualmente é uma das principais escolas do bairro, juntamente com a escola estadual D. Pedro I.



Edifício da Escola Dr. Diogo de Faria, 2009.

Escola Doutor Diogo de Faria

Condição	existente
Construção	meados dos anos 1940
Uso original	escolar
Uso atual	oficina mecânica
Proprietário original	Companhia Nitro Química Brasileira - CNQB
Proprietário atual	particular
Gestão original	Governo do Estado de São Paulo
Gestão atual	particular
Localização	Rua Pongai, 27 São Miguel Paulista, São Paulo, SP
Bibliografia	ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

Este edifício foi a escola primária da Cidade Nitro Química, projetado e construído pela Companhia Nitro Química Brasileira, cuja gestão foi conferida ao governo do Estado. Faz parte, juntamente com a vila onde está inserido, dos investimentos da fábrica em programas de assistência a seus funcionários.

Segundo Tonaki (2013), a escola foi implantada em 1944 com o objetivo de promover educação básica aos filhos dos funcionários da fábrica que moravam na vila. O ideal era que, completados os anos de ensino primário, os filhos dos funcionários estivessem prontos para aprender os ofícios do trabalho na fábrica.

O programa da escola era organizado em um único pavimento, com planta simétrica. Continha duas salas de aula, uma para os meninos e uma para as meninas, e um pátio central. Sofreu uma ampliação em 1945, recebendo mais uma sala de aula e uma sala de professores. Sua fachada foi organizada de forma simples, tendo um único elemento que se destaca, uma espécie de frontão, sustentado por duas colunas sinalizando a entrada principal da escola.

Com o crescimento da demanda escolar, a oferta se tornou insuficiente. Por isso, foi desativada em 1949. Segundo o entrevistado Orlando Fonseca, outra escola foi construída nas imediações da vila, levando o mesmo nome, Diogo de Faria.

Entretanto o edifício onde funcionou a escola não foi abandonado. Segundo o entrevistado, um conjunto de funcionários aposentados, em um acordo com a Nitro Química, alugou o edifício e se responsabilizou por instalar ali uma oficina mecânica, afim de continuar prestando serviços à fábrica. Posteriormente, esse grupo de funcionários aposentados comprou o edifício, levando a cabo a função de oficina mecânica.

A forma de apropriação do edifício pode ser um fator indicativo das relações de identidade que se estabeleceram entre os ex-funcionários da fábrica com os equipamentos por ela construídos. Ainda que tenham proposto um novo uso ao edifício, grande parte de suas características formais foram mantidas, como a fachada e a volumetria. Tendo sido construído um outro volume ao fundo, para ampliação do espaço de trabalho.



Escola Estadual Professor Dário de Queiroz, 2017.

Escola Estadual Professor Dário de Queiroz Grupo Escolar da Vila Nitro Operária

Condição existente

Gestão Governo do Estado de São Paulo

Localização Rua Luís Atílio Rossi, 75 | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia ROCHA, 1992.

O Grupo Escolar da Vila Nitro Operária, juntamente com o Grupo Escolar Carlos Gomes, compunham as principais escolas do primárias do bairro, entre as décadas de 1940 e 1950. Segundo a entrevistada Sarah Aziz, o grupo escolar da Vila Nitro Operária funcionava em um galpão de madeira na própria vila. Era frequentada por filhos de migrantes, operários, vendedores ambulantes, segundo a entrevistada.

Posteriormente, com o aumento da demanda educacional, uma nova escola foi construída na Vila Nitro Operária, a escola estadual Professor Dário de Queiroz. Foi citado por antigos moradores da vila, por terem realizado ali o ensino primário, transferindo-se posteriormente para o ginásio na Escola Estadual D. Pedro I.



Fachada principal da Escola Estadual D. Pedro I, 2006.

Escola Estadual Dom Pedro I

Condição	existente
Projeto	arquitetos Roberto Goulart Tibau, Antônio Carlos de M. Pitombo e José Augusto B. Arruda
Inauguração	1959
Gestão	Governo do Estado de São Paulo
Localização	Rua Américo Gomes da Costa, 59 São Miguel Paulista São Paulo, SP
Bibliografia	ABREU, 2007; FERREIRA & MELLO, 2006; FONTES, 2002; SPOSITO, 1987.

O edifício da Escola Estadual Dom Pedro I, projetado em 1955 pelos arquitetos Roberto Goulart Tibau, Antônio Carlos de M. Pitombo e José Augusto B. Arruda, se insere nas escolas projetadas e construídas de acordo com os ideais do chamado Convênio Escolar. Um acordo entre o Estado e o Município no planejamento de uma rede de escolas para suprir a demanda educacional em São Paulo. Como o bairro de São Miguel apresentava carência em equipamentos de ensino, uma escola deste convênio foi ali instalada.

Segundo Rocha (1992), o material para a construção da escola foi fornecido pela Nitro Química. Assim, a escola, juntamente com a Catedral de São Miguel, são duas construções que, ainda que não mantivessem relação direta com a Companhia, mostram o grau de atuação da fábrica no bairro, financiando outros elementos que não diziam respeito diretamente ao programa fabril e de assistência que a Nitro propunha.

Inaugurada em 1959, possibilitou a mudança do curso ginásial para este novo prédio, antes instalado nas dependências do Grupo Escolar Carlos Gomes. Foi construída onde estava implantada a primeira Sede Social do Clube da Nitro Química, na Avenida Marechal Tito, segundo relatos de Manoel da Silva, Walmira da Silva e Sarah Aziz.

A configuração dos espaços da escola denota o ideal difundido pelo Convênio Escolar de aliar arquitetura e educação, a partir dos princípios de arquitetura moderna e novas metodologias de educação. Nesta, o moderno se faz presente através da utilização de pilotis, rampas, janelas em fita, entre outros. Atualmente, o muro que cerca a escola é alto e não se pode mais observar a proposta de relação com o entorno a partir do uso de pilotis. Mas pelas imagens antigas, que mostram um período em que o muro era mais baixo, é possível observar a permeabilidade que os pilotis conferiam entre o espaço da calçada e os ambientes da escola.

Juntamente com a Escola Estadual Carlos Gomes, o D. Pedro I foi o lugar onde a grande maioria da população do bairro estudou, se configurando como importante referência para a população de São Miguel Paulista.



Casa sede do Círculo Operário atualmente.

Sede do Círculo Operário

Condição existente

Uso original residencial

Uso atual térreo - comércio | pavimento superior - serviços

Proprietário particular

Localização Praça Getúlio Vargas Filho, 26/286 (antigo 10)
São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992.

O Círculo Operário foi uma organização iniciada em 1946, após as primeiras manifestações operárias e início da atuação do Sindicato dos Químicos, segundo Rocha (1992). Liderado por diretores e engenheiros da Nitro Química, em aliança com a igreja católica, representada por padre Aleixo Monteiro Mafra, em oposição ao crescimento e força do sindicato. O grupo promovia festas, viagens e momentos de lazer nos salões da Nitro, valendo-se do discurso favorável ao trabalho na fábrica, partindo de camadas mais elitizadas do bairro.

Sua antiga sede funcionava em uma casa localizada onde hoje está o centro comercial. Localizada em um ponto importante do bairro, na praça Getúlio Vargas Filho, mas popularmente conhecida como Praça do Círculo Operário, por ser local onde estava instalada a referida organização.

Segundo Fontes (2002), o Círculo tinha apoio da igreja e da diretoria da empresa, tornando-se assim, um apêndice do serviço social da Companhia, agindo também como uma forma ideológica de combate ao comunismo entre os trabalhadores.

O Círculo Operário deixou de existir no final da década de 1960, mas a casa onde estabeleceram suas atividades permanece. Embora o térreo esteja modificado, destinado atualmente ao comércio, o pavimento superior ainda contém alguns elementos formais preservados, o que permite a identificação do local da antiga sede.



Mercado Municipal Dr. Américo Sugai atualmente, acesso lateral.

Mercado Municipal Doutor Américo Sugai

Condição existente

Inauguração 1967

Localização Avenida Marechal Tito, 567 | São Miguel Paulista,
São Paulo, SP

Bibliografia CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002.

O mercado de São Miguel foi inaugurado em 1967, denominado Mercado Municipal Dr. Américo Sugai, em homenagem a um vereador do bairro. Foi construído em um terreno antes destinado a eventos esporádicos, como circos e parques infantis, segundo Cícera Manso, Elza da Silva, Sarah Aziz e Walmira da Silva.

A construção do mercado representou e impulsionou o desenvolvimento comercial da região. Composto originalmente por três blocos retangulares dispostos em “L”, sendo dois deles interligados e o terceiro separado por um pátio. Um quarto bloco foi construído atualmente. O conjunto contém também uma torre de relógio e um pátio para estacionamento. Implantado na Avenida Marechal Tito, em frente ao colégio D. Pedro I, no centro comercial do bairro, representa mais um dos elementos importantes para a confirmação da atividade comercial de São Miguel.

A torre do relógio é um elemento muito importante e simbólico para o bairro. Sua volumetria é tão marcante na paisagem quanto as chaminés da Nitro Química. Mostram o que talvez tenha sido a transição de um bairro de subúrbio, em que o elemento fabril era o mais importante, paisagisticamente marcado pela chaminé, para um bairro em que o comércio se torna a principal atividade. Nesse contexto, o mercado se torna elemento fundamental, trazendo consigo uma torre que se tornou referência geográfica da região central do bairro.

No pátio do estacionamento foram realizadas durante alguns anos, as festas em comemoração ao aniversário de São Miguel, hoje concentradas em outro local. Ao longo dos anos, a área de entrada do mercado passou a ser ocupada por vendedores ambulantes, configurando aquele espaço como uma continuação da ocupação feita no calçadão, Rua Serra Dourada. Diante disso existem discussões sobre a presença destes vendedores, alguns defendem a ideia de que eles deveriam ser retirados dali, pois impedem a visibilidade e acesso ao mercado, por outro lado existe a resistência destes ambulantes, criando então essa tensão sobre a forma de ocupação do espaço de acesso ao mercado.



Fachada do Kaikan atualmente.

Kaikan

Condição existente

Fundação 1952

Uso atividades de dança, canto, língua japonesa, festas, encontros

Gestão Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel Paulista

Localização Praça São João de Cortês, 8 | São Miguel Paulista,
São Paulo, SP

O Kaikan, fundado em 1952, é sede da Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel. Segundo a entrevistada Tizuko Mikan, é o local para prática das tradições culturais japonesas no bairro. Nele são realizadas aulas de danças japonesas, canto, taiko, ginástica, língua japonesa, entre outros, além de ser o espaço reservado para festas, como o Festival Matsuri, quando são apresentadas músicas, danças e comidas consideradas típicas.

Segundo a entrevistada, ele funciona como um espaço de manutenção da cultura japonesa no bairro. Além das festas tradicionais, é neste local onde a comunidade comemora as festividades do aniversário de São Miguel.

A Associação se tornou também responsável pela manutenção da praça em frente à sede, conhecida como Praça da Paz, oficialmente Praça São João de Cortês, onde instalaram uma série de elementos representativos da cultura japonesa, como luminárias e portais.



Galpão da Casa de Brunhosinho, 2015.

Casa de Brunhosinho

Condição existente

Fundação 1991

Uso festas, encontros, ensaios de dança

Gestão Associação Cultural e Recreativa Casa De Brunhosinho

Localização Rua Georgina Diniz Braghiroli, 30 | Vila Curuçá
São Paulo, SP

A Casa de Brunhosinho é fruto da presença da comunidade portuguesa no bairro de São Miguel. Fundada em 1991, é sede da Associação Cultural e Recreativa Casa de Brunhosinho, criada com o objetivo de promover um espaço para prática de tradições culturais portuguesas, idealizada por uma antiga família de portugueses no bairro, a família Pantaleão, que nomeou o local como Casa de Brunhosinho devido ao nome da aldeia de origem da referida família em Portugal.

Constitui-se de uma construção em forma de galpão, cujo espaço interno é utilizado para as celebrações ligadas à cultura portuguesa. Como os membros da associação intitulam, o Rancho Folclórico é então o local onde tradições do folclore português são realizadas para união da comunidade do bairro. O espaço é utilizado para as festas, realizadas em todos os últimos sábados do mês, mas também é o espaço de ensaio dos grupos de dança.

Segundo o entrevistado João dos Santos, o local é referência para a comunidade. Porém, da mesma forma que busca manter o que consideram como tradição portuguesa, manifestada através da dança, música, vestimentas e comida, vê-se que a prática sofreu modificações a partir do momento em que se manifestou no bairro. Um fato importante mencionado pelo entrevistado, é que na produção da festa, alegorias, e nas práticas de danças, a atuação de portugueses ou descendentes de portugueses é muito pequena em comparação com a participação de nordestinos, nortistas e miguelenses, que se interessaram pelo que é praticado ali e, por isso, contribuem com as atividades e a produção das festas.



Mesquita de São Miguel Paulista, 2017.

Mesquita Khalid Ibn Al-Wallid

Condição existente

Construção 1978 a 1982

Uso religioso, encontros, festas, casamentos

Gestão Sociedade Beneficente Cultural Islâmica de São Miguel Paulista

Localização Rua Georgina Diniz Braghiroli, 30 | Vila Curuçá, São Paulo, SP

A mesquita de São Miguel Paulista teve sua construção iniciada em 1978 e foi inaugurada em 1982. A necessidade de construção deste edifício religioso representa a dimensão da comunidade árabe muçulmana em São Miguel. Por estar fixada em um local distante da Mesquita Brasil, única mesquita de São Paulo até então, a comunidade resolveu se unir para construir no bairro um edifício onde pudessem manter suas práticas religiosas.

Assim, segundo as entrevistadas Fátima Beydoun e Leila Saleh, foi organizada a Sociedade Beneficente Cultural Islâmica em que os membros contribuíram para a compra do terreno e construção do edifício.

A mesquita é constituída de um volume principal de dois pavimentos, em que o térreo é um salão para eventos e no pavimento superior é onde fica o espaço de orações. O edifício é frequentado principalmente por libaneses e sírios, mas também por brasileiros convertidos ao islã. Sua orientação é da vertente sunita.

Como mencionado pelas entrevistadas, o local é um dos principais espaços de referência para a comunidade árabe da região. Embora muitos membros não morem mais no bairro, vão à mesquita para realizar as práticas religiosas, e também para encontrar amigos e familiares em momentos de celebrações.



Fachada da Casa Amarela, 2015.

Casa Amarela

Condição existente

Uso original residencial

Uso atual saraus, rodas de conversa, apresentações teatrais

Localização Rua Julião Pereira Machado, 7 | São Miguel Paulista,
São Paulo, SP

Idealizada por Sueli Kimura e Akira Yamasaki, dois artistas que atuaram no Movimento Popular de Arte, a casa se configura como um espaço de sociabilidade, encontro, formação e difusão cultural. Por isso, é referência para muitos poetas, músicos, percusionistas, repentistas, e interessados no geral, não somente do bairro de São Miguel, mas também de outros pontos da cidade.

A casa onde está instalada é da família de Sueli, tendo sido adaptada em 2011 para o uso indicado. Para isto, teve alguns de seus ambientes reestruturados, como a antiga sala e a garagem, que conformam um espaço de palco e plateia. A ideia, segundo Sueli, surgiu a partir da tentativa de dar um uso à casa que fora de sua mãe, e também de reaproximar artistas da região, que após a dissolução do Movimento Popular de Arte prosseguiram independentemente com suas carreiras.

A Casa Amarela é intitulada por sua gestora, Sueli Kimura, como um espaço cultural independente, pois ela não recebe nenhum incentivo governamental para se manter, e sua produção cultural não está ligada a nenhuma organização cultural de maior porte.

Lugares



Vista aérea do Rio Tietê, na altura onde esteve instalado o Clube de Regatas da Nitro Química, década de 1980.

Rio Tietê

Condição existente

Bibliografia ARANTES, 1978; AZEVEDO, 1945; BOMTEMPI, 1970; FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

Além de ser grande referência para a cidade de São Paulo, o Rio Tietê foi muito importante para o desenvolvimento do bairro de São Miguel. Representou o principal meio de transporte da região até o início do século XX. Segundo Bomtempi (1970), em suas margens foi possível o desenvolvimento de olarias, entre o fim do século XIX e início do XX. O rio fornecia o barro, pedra e areia como matéria prima para o tijolo, e também representava o meio de transporte para este produto. Segundo Azevedo (1945), a expansão da cidade no sentido leste se deu em razão do rio, a partir da ocupação de territórios em suas margens.

Na década de 1930 representou um dos fatores que determinaram a escolha pelas terras de São Miguel para instalação da fábrica da Nitro Química. Com oferecimento de força motriz, foi utilizado também como local de despejo de resíduos da fábrica, que se instalou em áreas próximas à sua várzea. Além disso, a fábrica utilizou-se do rio para o estabelecimento da prática do nado e remo, utilizando suas águas como as primeiras piscinas do Clube de Regatas, implantado em um local interno à fábrica e muito próximo do rio.

De acordo com os autores pesquisados como Bomtempi (1970), e alguns entrevistados como Ivon de Souza, o rio era utilizado para pesca, nado, lazer para as famílias nos finais de semana, mas também para banho e lavagem de roupa. Principalmente para a população que habitava suas margens ou as margens de seus afluentes, como foi o caso de habitantes da Vila Nitro Operária, como relataram Elza da Silva e Cícera Manso, e do Parque Paulistano.

Porém, com sua retificação, e o grande volume de resíduos neste despejado, sua utilização para transporte e lazer foi inviabilizada. Fato que o distanciou geograficamente e simbolicamente do bairro. Hoje, quem observa a várzea do rio a partir do pátio frontal à capela pode ter a dimensão de sua amplitude.



Praça do Forró, 2017.

Praça Campos Sales | Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra | Praça do Forró

Condição existente

Origem século XVII

Gestão Subprefeitura de São Miguel Paulista

Bibliografia ARANTES, 1978, 1981, 1984; AZEVEDO, 1945; BOMTEMPI, 1970. CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; MORCELLI, 2013; SPOSITO, 1987; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

A Praça do Forró constitui um dos mais antigos espaços de convivência do bairro. Recebeu inicialmente o nome de Praça Campos Sales. Como contam antigos moradores, foi o único espaço de lazer até a instalação dos clubes da Nitro Química. Segundo entrevistados como Manoel da Silva e Luíza de Araújo, era uma praça arborizada, com coreto, jardins, fonte de água, e passeios que permitiam a fruição do espaço, encontros e namoros. Desta forma, como um espaço de sociabilidade, se inseriu na dinâmica do bairro.

Ainda que as festas realizadas nos clubes da Nitro Química atraíssem muitas pessoas, a praça se mantinha como local de lazer. Posteriormente o nome da praça foi modificado para Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, em homenagem ao pároco da região.

Entretanto, o aspecto mais interessante para ser discutido seja talvez sua utilização como local para a prática do forró. Segundo autores pesquisados, como Rocha (1992) e Fontes (2002), desde aproximadamente os anos 1960 migrantes de origem nordestina se encontravam na praça para tocar sanfona, cantar e dançar músicas que os remetiam a seu local de origem. Com isso, essa prática atraiu cada vez mais pessoas e nos anos 1980, com atuação do Movimento Popular de Arte, o forró se agregou à praça em tamanha profundidade que o local passou a ser conhecido como Praça do Forró.

Nos anos 1990 foi construído um palco na praça em formato de chapéu de couro, para formalizar e viabilizar apresentações musicais, confirmando aquele espaço como referência musical, de lazer, encontro e identidade. Desde então, o apelido Praça do Forró se tornou a grande marca deste local.

As últimas ações institucionais realizadas na praça foram o restauro da capela, entre 2006 e 2010, que se estenderam para a reorganização do espaço da praça, nesse contexto o palco foi demolido. Este processo pode ser interpretado de diversas formas. A decisão de demoli-lo, segundo o subprefeito da época, e o padre representante da Associação Cultural Beato José de Anchieta, foi o fato de as duas “funções” da praça serem incompatíveis, a religiosa e a de entretenimento, representada pelo palco. Porém, esta demolição mostra o impedimento da manutenção de uma prática, importante a ponto de conferir um apelido ao local, em um processo que pode ser entendido como a tentativa de apagamento de uma memória.

Com isso, a utilização da praça como local de lazer e sociabilidade foi se modificando. Sendo atualmente mais utilizada como local de passagem, reconhecida somente como local onde está a capela. Em contrapartida, continua sendo chamada de Praça do Forró, em um processo que representa a resistência e força da identidade que se criou para aquele espaço, ainda arraigada aos hábitos de sua população.



Avenida Marechal Tito na altura do colégio D. Pedro I, 2017.

Avenida Marechal Tito | Estrada São Paulo - Rio

Condição existente

Origem século XVII

Construção década de 1920

Bibliografia AZEVEDO, 1945; BOMTEMPI, 1970; CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; MORCELLI, 2013; TONAKI, 2013.

A atual Avenida Marechal Tito, considerada via mais importante de São Miguel, se tornou em 1920, a primeira via asfaltada do bairro. Sua importância foi garantida por representar o caminho que levava ao Rio de Janeiro, tendo recebido o nome de Estrada São Paulo-Rio.

A via foi um dos elementos que orientou o crescimento do bairro, pois além de sua utilização como estrada, foi ao longo de sua extensão que grande parte do tecido urbano do bairro se construiu, como a Vila Americana, a Vila Nitro Operária.

Segundo Azevedo (1945), a estrada São Paulo-Rio e a Linha Variante da estrada de ferro foram dois fatores atrativos para a escolha do local de instalação da fábrica da Nitro Química, contribuindo para o desenvolvimento do bairro. Sendo citada também por Caldeira (1984) e Tonaki (2013) como importante para o desenvolvimento dos territórios no lado leste da cidade.

Além destas vilas, muitos elementos foram construídos ao longo de sua extensão, como o Mercado Municipal, os colégios D. Pedro I e Dário de Queiroz. Seu uso é predominantemente marcado por estabelecimentos comerciais e de serviços, como dentistas, advogados, agências bancárias, clínicas médicas, entre outros. A via foi também palco dos desfiles cívicos do bairro, muito representativos para os moradores, como contaram Cícera Manso e Ivon de Souza.

Com o crescimento do bairro e afirmação do comércio como principal atividade econômica, responsável por atrair diariamente grandes quantidades de pessoas, a Avenida Marechal Tito se tornou um dos principais acessos ao centro do bairro. Mas também se confirma como elemento de interligação deste com os outros bairros da região como Ermelino Matarazzo e Itaim Paulista. É também a partir dela que se inicia a Avenida Nordestina, outra importante via do bairro.

Seu papel inicial de interligação dos núcleos de São Paulo e Rio de Janeiro, perdeu espaço na medida em que o bairro cresceu e a via passou a ser utilizada internamente, ligando os bairros da região, mantendo-se como importante caminho.



Início da Avenida Nordestina, a partir da bifurcação da Avenida Marechal Tito, 2017.

Avenida Nordestina | Estrada do Lajeado

Condição existente

Origem século XVII

Bibliografia BOMTEMPI, 1970; CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; SPOSITO, 1987.

A Avenida nordestina constitui o que era a antiga Estrada do Lajeado, via que ligava o núcleo de São Miguel ao Lajeado. Um antigo povoamento que no século XIX se configurou como uma das “paragens” de São Miguel, juntamente com Itaquera, e Biacica, neste período considerados pertencentes ao território de São Miguel. Segundo Bomtempi (1970), Lajeado se constituiu em distrito autônomo em 1929, atualmente pertencente à subprefeitura de Guaianases.

A via foi assim chamada até meados dos anos 1980, segundo a entrevistada Sarah Aziz. Quando na ocasião da abertura política, seu nome foi mudado para Avenida Nordestina. Nesta avenida, entre 1985 e 1986, foi instalado o MPA Circo, onde o Movimento Popular de Arte pode desenvolveu seus projetos.

Juntamente com a Avenida Marechal Tito, a Nordestina é uma via muito importante para o bairro, ligando São Miguel aos distritos do sul da região. Assim como aquela, é local de estabelecimentos de comércio e serviços, apresentando também residências.



Início da Avenida Pires do Rio, a partir da Avenida Nordestina, 2014.

Avenida Pires do Rio | Estrada de Itaquera

Condição existente

Bibliografia AZEVEDO, 1945; CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002.

A Avenida Pires do Rio é a antiga estrada que levava à Itaquera, o que lhe conferia o nome de Estrada de Itaquera, como consta nos mapas históricos. Segundo Azevedo (1945), a via surgiu a partir do estabelecimento da estrada São Paulo-Rio, como um dos caminhos que ligavam São Miguel aos bairros vizinhos. Partia do centro do bairro, em uma bifurcação da Estrada do Lajeado, atualmente Avenida Nordestina.

Por ser o caminho responsável pela ligação de duas importantes regiões da zona leste, São Miguel e Itaquera, era um caminho bastante utilizado, dado que era na região de Itaquera onde ficava localizada estação de trem da região, única até a instalação da estação de São Miguel em 1932.

Entretanto, segundo autores pesquisados, como Caldeira (1984), e os mapas históricos encontrados, a ocupação das terras ao longo desta estrada aconteceu posteriormente à ocupação do centro de São Miguel, provavelmente a partir dos anos 1950, como é possível observar nas fotografias aéreas de 1940 e 1950, apresentadas no caderno 1.

Porém, ainda que sua ocupação tenha sido posterior à ocupação da área mais central do bairro, importantes elementos foram ali instalados, como o Cemitério da Saudade, construído na década de 1960.

A via se mantém como uma das mais importantes da região, caracterizada pelo uso misto, comércio, serviços e residencial. Conectando não somente São Miguel à Itaquera, mas também a todos os outros bairros nas adjacências.



Rua Arlindo Colaço, 2017.

Rua Arlindo Colaço | Rua da Fábrica

Condição existente

Origem década de 1930

Bibliografia CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002.

Esta rua faz parte do projeto de arruamentos para construção da Vila Americana, sob pedido e orientação da Companhia Nitro Química Brasileira. Esta rua faz a ligação direta entre a Rua Salvador de Medeiros, conhecida como Rua da Estação, e a Avenida Dr. José Artur Nova. Por ser a via que liga a porção do bairro abaixo da ferrovia, com a porção acima da ferrovia, onde está localizada a fábrica da Nitro Química, ficou mais conhecida como Rua da Fábrica.

Como fez parte do projeto de construção de uma vila habitacional é possível que os lotes voltados para ela tenham recebido casas, não sendo projetados para a função comercial. Mas por sua importância como local de passagem dos trabalhadores da fábrica, a via passou a ser ocupada por edifícios voltados ao comércio, como resposta ao trânsito diário de trabalhadores. Inserindo-se na dinâmica de mudança do uso residencial para o comercial que aconteceu na Vila Americana.

De acordo com a bibliografia e relatos de moradores antigos como Luíza de Araújo e Walmira da Silva, nesta rua estavam localizados o Cine São Miguel e a primeira sede dos Correios. A antiga praça Número 1, denominada desde os anos 1960 como Praça Getúlio Vargas Filho, está localizada no encontro desta rua com a Miguel Ângelo Lapena. Além destes, a casa que serviu de sede para o Círculo Operário também se encontra nesta rua.

A Rua Arlindo Colaço é bastante citada nos relatos de moradores sob a denominação popular. Segundo Fontes (2002), era onde se praticava o “footing” do bairro, local de encontros e paquera, fatores estes que contribuem para a presença desta via como referência para muitos moradores. Hoje a rua tem função predominantemente comercial, representada por lojas de roupas, calçados, móveis, armarinhos, e outros.



Rua Salvador de Medeiros, 2017.

Rua Salvador de Medeiros | Rua da Estação

Condição existente

Origem entre o fim dos anos 1920 e início dos anos 1930

Bibliografia ARANTES, 1978; CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002.

A Rua Salvador de Medeiros, apesar de estar no perímetro que compreende a Vila Americana, já existia antes deste loteamento. Aberta provavelmente no período de instalação da estação de trem de São Miguel, representava a interligação entre esta e a Praça do Forró. A presença dela no mapa Sara Brasil, apresentado no caderno 1, pode confirmar essa hipótese. Segundo o entrevistado João dos Santos, nesta rua se podia tomar carroças que, percorrendo o antigo caminho do Lajeado, hoje Avenida Nordestina, seguiam em direção à Itaquera e Lajeado.

Por ser a via que dava acesso direto à estação de trem, se tornou mais conhecida como Rua da Estação, como mencionada por muitos entrevistados, embora desde 2013 o acesso à estação se dê pela Praça do Forró. Seu nome oficial é também interessante para análise, pois se refere a um bandeirante, retomando o mito heróico desta figura.

Caldeira (1984) cita uma série de tipos de comércio presentes nessa rua nos anos 1980, sendo eles armários, lojas de tecidos e casas do norte que, segundo ela, atestam a presença dos migrantes nordestinos. Era no encontro desta rua com a praça que estava localizado o Cinema Lapenna, edifício utilizado atualmente como Igreja Evangélica.

Existem muitas polêmicas sobre a transferência do acesso à estação de trem para a praça, com indagações sobre o futuro do comércio que se estabeleceu nesta rua em função daqueles que passavam diariamente para tomar o trem, representado por lachonetes, bares, restaurantes, pequenos mercados, entre outros. Estando a Rua da Estação no centro comercial do bairro, local bastante consolidado por esta atividade, é possível que esta característica se mantenha, pois há ali muitos de pontos de ônibus, que movimentam grande quantidade de pessoas.

A referência desta rua, a estação, continua sendo um objeto que a identifica, ainda que após as modificações acima mencionadas. Algumas pessoas já começam a chamá-la de “antiga” Rua da Estação.



Rua Serra Dourada, 2017.

Rua Serra Dourada | Calçadão

Condição existente

Origem década de 1930

Bibliografia CALDEIRA, 1984.

A Rua Serra Dourada faz parte do projeto para construção da Vila Americana. Por constituir a via responsável pela ligação direta entre a Avenida Marechal Tito e a Rua Salvador de Medeiros, recebia grande fluxo de pessoas, fato que pode justificar o surgimento do comércio em sua extensão. Os lotes ao longo desta rua parecem ter sido projetados para receber residências, dado o objetivo de elaboração da própria vila. Porém, em um momento posterior passaram a receber edifícios voltados ao comércio e aos poucos essa função foi se tornando predominante, como é hoje. Segundo a entrevistada Sarah Aziz, a via foi fechada para os carros no fim da década de 1980, tornando-se o calçadão.

O calçadão de São Miguel é um dos principais locais de fixação de vendedores ambulantes e camelôs do bairro. Esta prática acontece ao longo da rua Serra Dourada, via que já era fechada para carros antes desta ocupação, como mencionado, e também já se configurava como majoritariamente comercial, estando ali implantados importantes e antigos estabelecimentos.

A ocupação por camelôs, com estruturas na maioria das vezes em metal, cobertas por lonas plásticas ou telhas de fibrocimento, voltadas a todo tipo de comércio como roupas, calçados, acessórios, CD's e DVD's "piratas", brinquedos, entre outros, passou a se instalar ali por volta da década de 1990. Hoje o calçadão é constituído tanto por edifícios voltados ao comércio, quanto por camelôs e vendedores ambulantes, configurando o principal polo comercial do bairro. Atrativo por sua grande oferta de produtos, como roupas, eletrodomésticos, eletroeletrônicos, tecidos, armários em geral, móveis, mas também serviços como o correio, bancos, consultórios médicos, advogados, suprindo em grande parte as necessidades da população do bairro. Muitas delas relatam inclusive gostar de São Miguel por ser um bairro onde "tem tudo" elas dificilmente precisam sair dele em busca de algo. O oferecimento de grande variedade de serviços e comércio faz com que ele seja não somente referência para sua população, mas também para a de bairros vizinhos como Itaquera, Ermelino Matarazzo, entre outros.



Avenida Doutor José Artur Nova. Ao fundo as ruínas da Sede Social do Clube de Regatas, 2017.

Avenida Doutor José Artur Nova

Condição	existente
Origem	1935
Bibliografia	TONAKI, 2013.

Esta avenida foi construída concomitante ao processo de instalação dos equipamentos fabris da Companhia Nitro Química Brasileira, na ocasião da modificação do percurso da antiga Estrada para Arujá, que dividia as terras destinadas à instalação da fábrica em duas. Para que a fábrica fosse instalada, foi necessário o desvio deste caminho. Dessa forma, firmou-se um contrato entre a empresa e a municipalidade possibilitando que aquela ocupasse toda a extensão das terras adquiridas, desde que se responsabilizasse pela construção de um desvio e o doasse para a municipalidade. Segundo Tonaki (2013), a modificação deste trajeto foi uma das primeiras ações realizadas pela companhia nos terrenos destinados à fábrica.

Assim, foi estabelecido o traçado de uma via que partia do núcleo urbano do bairro e delineava toda a extensão da fábrica, tangente ao muro. Esta via foi diretamente ligada ao núcleo urbano através de uma passagem elevada, também construída pela Companhia Nitro Química. Denominada Avenida Doutor José Artur Nova em homenagem póstuma a um dos diretores da fábrica, inicialmente era chamada de Nova Estrada de Arujá.

Este caminho, segundo Tonaki (2013), era uma via processional, ladeada tanto pelo muro da fábrica, quanto pelos equipamentos assistenciais, compondo a paisagem construída pela Companhia. Segundo a autora, esta via colocava em evidência equipamentos como a portaria e o Clube de Regatas, sendo pontos focais da avenida.

A escolha deste local para pintura dos painéis de grafite, retratando uma visão sobre a história do bairro, confirma sua importância como referência cultural, e talvez por isso tenha sido escolhido como espaço para tal manifestação.



Praça Getúlio Vargas Filho, 2017.

Praça Getúlio Vargas Filho | Praça do Círculo Operário | Praça Número 1

Condição existente

Construção década de 1930

Uso original lazer, sociabilidade

Uso atual rotatória

Gestão Subprefeitura de São Miguel Paulista

Bibliografia FONTES, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

A Praça Getúlio Vargas Filho está localizada na Vila Americana, e faz parte do projeto de loteamento para construção da referida vila. Se configurou como uma das praças mais importantes da vila por estar localizada na rua que levava à fábrica, e também por ser local onde se podia tomar o ônibus que levava à Penha, por muito tempo a única linha do bairro, conforme relatado pelo entrevistado Pedro Piassi.

Inicialmente se chamava Praça Número 1. A bibliografia estudada não especifica a razão de seu nome, porém se pode supor que as praças tenham sido numeradas e reconhecidas então por seus números, tal como ocorria com as ruas em algumas vilas do bairro, como a Nitro Operária.

Este espaço, que hoje se constitui como uma rotatória do movimentado centro de São Miguel, já foi palco de episódios importantes para o bairro. Na década de 1950, durante a atuação do Movimento Popular Autonomista, em prol da emancipação política do bairro, a manifestação por parte de uma elite de comerciantes aconteceu nesta praça. Além disto, a casa sede do Círculo Operário também estava localizada em suas imediações, fato que lhe conferiu o apelido de Praça do Círculo Operário.

Na década de 1960 seu nome foi modificado para Praça Getúlio Vargas Filho, em homenagem a um dos engenheiros da Nitro Química que faleceu desta década, filho do presidente Getúlio Vargas. Porém, ao conversar com antigos moradores foi possível entender que esta praça é mais conhecida por seu apelido, acima mencionado, denotando a importância desses eventos passados para o lugar.



Uma das antigas casas da Vila Americana, hoje utilizada como clínica médica, 2017.

Vila Americana

Condição existente

Loteamento década de 1930

Uso original residencial

Uso atual residencial, comércio, serviços

Bibliografia AZEVEDO, 1945; FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013; TONAKI, 2013.

A Vila Americana representa um dos primeiros projetos de loteamento da região de São Miguel. Projetada e construída partir de 1935 sob orientação Companhia Nitro Química Brasileira, com o objetivo de acolher os técnicos americanos transferidos para São Miguel para auxiliar na montagem e operação das máquinas da fábrica, justificando o nome dado a esta vila.

Organizada em duas partes, uma próxima às instalações da fábrica, com terrenos de grande porte, entremeados por jardins, como aponta Tonaki (2013). Nesta parte é onde estão, ou estiveram, localizadas outras referências citadas, a Praça Getúlio Vargas Filho, que fica em uma rotatória, a casa sede para o Círculo Operário, o edifício do Grupo Escolar Carlos Gomes, o Cine São Miguel, a Sub-Sede do Sindicato dos Químicos, e a primeira sede dos Correios. Atualmente é chamada Vila Dr. Eiras.

A segunda parte foi organizada segundo traçado regular, implantados em terrenos mais altos, por isso bastante valorizados no bairro. Ainda hoje denominada Vila Americana. Em ambos houve preocupação da Nitro Química em promover qualidade de habitação para os funcionários de mais altos cargos.

Após a saída dos americanos da sociedade, as casas foram ocupadas pelos diretores e engenheiros da Nitro Química. Nesta vila foram construídas casas de grande porte geralmente implantadas no centro do lote, em grande parte assobradadas, com espaço para garagem, quintal e jardim. Como aponta Tonaki (2013), não somente o traçado das ruas, mas também as casas eram dotadas de qualidade arquitetônica. A escolha da forma e dos materiais serviam para representar a modernidade. Entretanto, nem todos os lotes foram ocupados com residências. Com o crescimento do bairro e configuração desta área como comercial, muitos lotes foram diretamente ocupados com edifícios voltados ao comércio.

O crescimento do bairro e a diminuição da intervenção da Companhia a partir dos anos 1960-1970 fez com que esta vila se modificasse em grandes proporções, principalmente na parte mais baixa. A valorização dos terrenos fez com que muitas famílias vendessem suas casas, e muitas delas foram demolidas para construção de edifícios em sua maioria comerciais. Outras foram mantidas e são atualmente usadas como escritórios, clínicas médicas, serviços no geral, estando algumas delas aparentemente preservadas, mas outras já bastante modificadas.



Algumas casas da Cidade Nitro Química, 2017.

Cidade Nitro Química | Vila Nitro Química

Condição existente

Projeto Marcelo Milliet Kiehl

Loteamento década de 1940

Bibliografia ARANTES, 1978; AZEVEDO, 1945; CALDEIRA, 1984; FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

A Cidade Nitro Química está inclusa nas primeiras vilas habitacionais construídas no bairro a partir dos anos 1940. Porém, diferentemente das Vilas Curuçá, Parque Paulistano e Nitro Operária, as Vilas Americana e Nitro Química foram projetadas e construídas sob orientação e financiamento da Companhia Nitro Química. Ambas foram destinadas para grupos específicos de funcionários, eram eles encarregados, chefes de seção e departamentos, vigias e outros empregados com funções estratégicas dentro da empresa, segundo apontados por Fontes (2002). Estas duas vilas eram as únicas vilas do bairro a possuírem água encanada a luz elétrica, segundo Tonaki (2013). Isto, somado à organização urbana da vila, contribuía para que fossem considerados espaços privilegiados dentro do bairro.

A Vila Nitro Química foi projetada pelo engenheiro Marcelo Milliet Kiehl para um terreno nas proximidades da fábrica, porém distante do centro, e de certa forma isolada dos outros núcleos loteados no bairro. Ela respondia ao objetivo de estreitar os laços com os funcionários a partir do fornecimento de habitação, interligando o trabalho da fábrica à moradia, pois as casas eram fornecidas para estes, mas não eram de sua propriedade. Fato que, em uma escala maior, os obrigava a seguir estritamente as regras da fábrica, não aderir às greves, e também contribuir para a disseminação de ideais que objetivavam a conformação da “família nitrina”. Além disso, foi construída nesta vila a escola primária Diogo de Faria, destinada aos filhos dos funcionários.

O arruamento foi organizado de maneira ortogonal, e as casas respondiam a um programa básico de habitação, com sala, quartos, cozinha, sanitário, quintal e jardim frontal. O projeto previa implantação de 594 lotes, divididos em 20 quadras, mas apenas uma parte deles foi implantada.

A partir fim da década de 1960 as propriedades das casas foram transferidas aos moradores, como uma das medidas tomadas para redução de gastos com a crise financeira da fábrica, segundo Fontes (2002). A partir de então os novos proprietários puderam administrar e gerir as propriedades de acordo com suas necessidades.

Com isso, muitas casas foram vendidas e/ou modificadas fisicamente, resultando em exemplares de todos os tipos, desde sobrados com dois ou três pavimentos totalmente descaracterizados, até casas térreas com muitos elementos mantidos, e em bom estado de conservação.

Ainda que modificada, a vila permanece como majoritariamente residencial, e o traçado das ruas se mantém. Segundo relato de Orlando Fonseca, morador da vila há 72 anos, ainda que o perfil dos moradores tenha mudado, a vila mantém características de local residencial, com pouco movimento, o que contrasta bastante com o movimento da avenida Dr. José Artur Nova e a ocupação urbana do entorno.



Vila Nitroperária, 2017.

Vila Nitro Operária

Condição existente

Loteamento início na década de 1940

Bibliografia AZEVEDO, 1945; CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; ROCHA, 1992.

A Vila Nitro Operária, juntamente com a Vila Curuçá e o Parque Paulistano constituem os primeiros loteamentos da região. Estabelecidos a partir dos anos 1940, foram ocupados pelos novos moradores do bairro, representados principalmente por migrantes nordestinos, mineiros e paulistas. A Nitro Operária e o Parque Paulistano são as duas principais vilas construídas nas proximidades da fábrica da Nitro Química, na várzea do Rio Itaquera, afluente do Tietê, nas proximidades da ferrovia e da Estrada São Paulo-Rio, hoje Avenida Marechal Tito. Estes loteamentos foram estabelecidos justamente para que os trabalhadores da Nitro Química pudessem morar perto da fábrica, e a localização próxima ao rio justificam o baixo valor da terra.

A Vila Nitro Operária foi, segundo Rocha (1992), o primeiro local onde se fixaram os migrantes nordestinos no bairro, atraídos em um primeiro momento pelo trabalho na fábrica da Nitro Química, mas principalmente pela oferta de terrenos baratos vendidos a longo prazo, representando possibilidade de moradia própria. Nesta, as casas eram construídas pelos próprios moradores em regime de mutirão, principalmente nos finais de semana.

Este local esteve, desde sua origem, muito ligado à presença do rio. Ocupando suas margens, os moradores utilizavam-se dele para banho e lavagem de roupas, como relatado por moradoras da vila, Cícera Manso e Elza da Silva, mas sofriam constantemente com enchentes.

Segundo Rocha (1992), o loteamento da vila foi projetado por Mardoqueu Schimith, um ativista do Partido Comunista do Brasil, que propôs o nome “Cidade Nitro Operária”, pois seu objetivo era de construção de um local com porte de cidade. Porém, segundo a autora isto não aconteceu. Seu nome foi escolhido em virtude de a maioria dos moradores serem operários da Nitro, e por sua localização próxima à fábrica.

Além disso, como local de grande ocupação de nordestinos, a instalação de casas do norte, a prática do forró e celebração de festas juninas se tornaram grandes marcas de culturais da vila, como práticas ligadas a uma origem comum destes migrantes, contribuindo para a formação da identidade dos moradores. Além destas práticas, foi nesta vila que o Esporte Clube Bahia foi criado, clube que utilizava a várzea do rio para a prática do futebol.



Vila Curuçá Velha, 2015. À direita a praça onde o Movimento Popular de Arte realizou atividades na década de 1980.

Vila Curuçá | Vila Curuçá Velha

Condição existente

Loteamento início na década de 1940

Bibliografia ARANTES, 1978; AZEVEDO, 1945; FONTES, 1997; MORCELLI, 2013; SPOSITO 1987; TONAKI, 2013; VIANA, 1982.

A Vila Curuçá constitui, juntamente com as Vilas Nitro Operária, Nitro Química, Americana e Parque Paulistano, os primeiros loteamentos do bairro, segundo os autores pesquisados como Azevedo (1945) e Fontes (2002), surgindo aproximadamente nos anos 1940. Segundo Viana (1982), é resultante do loteamento de uma antiga chácara.

Estas vilas fazem parte de um processo de ocupação urbana do bairro com objetivo de criar e oferecer lotes a preços baixos, e que pudessem ser pagos a prestação, destinados à população de camadas populares de outras áreas da cidade, mas principalmente migrantes nordestinos, mineiros, paulistas, entre outros.

Segundo Fontes (2002) e o entrevistado Ivon de Souza, na vila havia grande integração entre os moradores, que partia do processo de ajuda mútua para construção das casas, e se estendia para formas de sobrevivência, fazendo com que se estabelecesse ali o senso de comunidade e identidade. O surgimento dos clubes de futebol e o próprio futebol de várzea, com times formados pelos moradores da vila, são um importante exemplo desse processo. O União Esportiva Paulista, Avante Futebol Clube e o Curuçá foram clubes fundados na Vila Curuçá, segundo Fontes (2002). Além disso, em uma praça dessa vila o Movimento Popular de Arte estabeleceu o projeto Praças de Arte, inclusa no projeto de ocupação de praças da região com atividades artísticas.

Este senso de comunidade e identidade ficou muito evidente na fala do entrevistado, quando cita o campo de futebol onde jogava bola, e uma igreja da vila, como locais com os quais se identifica, constituindo para ele a principal memória do local. Este relato mostra a importância da vila como espaço de vivência. Esta, dentre as vilas supracitadas, era a mais distante do núcleo do bairro, então pela dificuldade de acessar diariamente o centro, os moradores acabavam vivenciando mais aquele espaço, que o centro.

A chamada Vila Curuçá Velha, a que esta ficha se refere, é o núcleo inicial de ocupação da Vila Curuçá. Este núcleo cresceu ao longo dos anos, e com isso, a parte mais antiga passou a ser chamada de Vila Curuçá Velha.



Avenida Oliveira Freire, uma das principais vias do Parque Paulistano, 2007.

Parque Paulistano

Condição existente

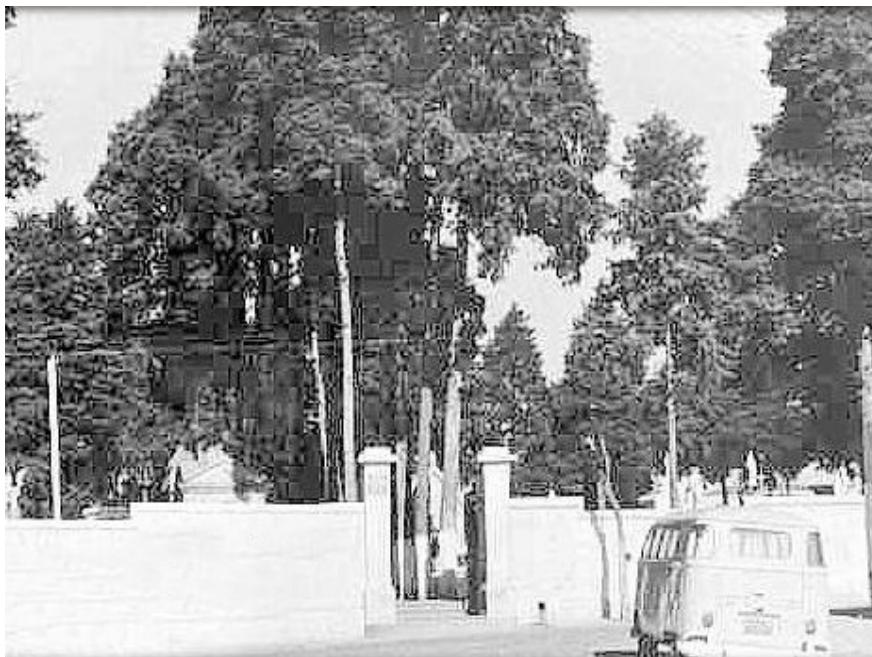
Loteamento início na década de 1930

Bibliografia ARANTES, 1978; AZEVEDO, 1945; FONTES, 2002; MORCELLI, 2013; TONAKI, 2013.

O Parque Paulistano integra, juntamente com as Vilas Curuçá e Nitro Operária os primeiros loteamentos do bairro, porém é possível que este tenha sido estabelecido antes dos outros pois no mapa Sara Brasil, elaborado nos anos 1930, já aparece a marcação das ruas bem como a denominação de Parque Paulistano. Porém é possível que sua maior ocupação tenha ocorrido a partir dos anos 1940, com a instalação da fábrica da Nitro Química e a consequente migração nordestina. Localizada nos arredores da fábrica da Nitro Química, da ferrovia, e na várzea do rio Itaquera, confirma as características típicas de loteamentos precários, em locais de alagamento, justificando o valor da terra.

Nestes, a construção de moradia se dava através de autoconstrução, ajuda mútua e na maioria das vezes aos finais de semana. Segundo Fontes (2002), esse momento constituía um importante espaço de sociabilidade para os habitantes da vila, em que compartilhavam experiências, trocavam ajuda e, assim, construíam identidade de grupo. Resultante dessas vivências pode ser citada a formação de um grupo de teatro com moradores da vila, segundo Arantes (1978), inclusos nos grupos participantes do Movimento Popular de Arte.

Assim como a Nitrooperária, tem arruamento ortogonal, com ruas largas, planas e é ocupado predominantemente por casas térreas ou sobrados, constituindo assim uma paisagem bastante característica dessas vilas populares estabelecidas nas várzeas dos rios.



Entrada do antigo cemitério, sem data.

Antigo Cemitério

Condição memória

Localização Rua Daniel Bernardo, 95 | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Conhecido como Cemitério Velho, o primeiro cemitério oficial do bairro ficava localizado nas imediações do centro de São Miguel. A partir dos mapas históricos se pode notar sua existência na década de 1930, por aparecer no mapa Sara Brasil. O cemitério funcionou até aproximadamente 1976, conforme relatado pela entrevistada Sarah Aziz. Após esta data foi desativado sendo um dos motivos a falta de espaço, em razão do grande crescimento habitacional de São Miguel.

O antigo cemitério ocupava toda a quadra onde hoje funcionam o Centro Municipal de Capacitação e Treinamento, CMCT, e a Escola Municipal Darcy Ribeiro.

A opção por referenciar o cemitério partiu das inúmeras menções a ele nas entrevistas, e a observação de quanto ele ainda se configura como referência para as pessoas. Muitas delas se referem ao CMCT como o “local onde era o cemitério velho”, ou a rua como “rua do cemitério velho”, o que comprova a presença desse lugar na memória das pessoas do bairro, e se insere no grupo de lugares conhecidos por nomes não-oficiais, ligados a uma prática, um momento, que não existem mais, porém ao serem rememorados constituem objeto de identidade para os habitantes da região.



Entrada do cemitério da Saudade atualmente.

Cemitério da Saudade

Condição existente

Construção 1960

Localização Avenida Pires do Rio, 2000 | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia CALDEIRA, 1984; MORCELLI, 2013.

O Cemitério da Saudade foi fundado em 1960, instalado na Avenida Pires do Rio. É possível que tenha sido construído porque o antigo cemitério não comportava mais a demanda.

A partir dos mapas e fotografias aéreas de 1940, 1954 e 1974, apresentados no caderno 1, é possível perceber a ocupação ao longo da Avenida Pires do Rio no vintêncio de 1950 a 1970. Nesse contexto, o cemitério pode ser entendido como um dos elementos pertencentes a esta ocupação. É o principal cemitério da região, respondendo também à demanda dos bairros próximos.



Praça São João de Cortês, 2017.

Praça São João de Cortês | Praça da Paz

Condição existente

Gestão Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel Paulista

Praça da Paz é o nome anterior da praça São João de Cortês. A origem do nome não ficou clara nas pesquisas, mas certamente são poucos os moradores que conhecem seu nome atual, nas conversas com moradores todos se referiram a ela como Praça da Paz. Segundo a entrevistada Tizuko Mikan, a praça é de gestão da Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel Paulista, sediada no Kaikan.

A associação é responsável por cuidar de sua manutenção e, por isso, atribuiu características de jardins japoneses a ela. Além das luminárias e do portal, foi construindo um lago e uma ponte sobre ele. A praça é geralmente utilizada como espaço externo do Kaikan, onde são realizadas festas. Assim, é referência não somente para a comunidade japonesa, mas para os moradores do bairro no geral, por frequentarem estas festas.



Interior de uma Casa do Norte na Avenida Pires do Rio, 2017.

Casas do Norte

Condição existente

Localização Avenida Pires do Rio, 144; Rua Arlindo Colaço, 542; Rua Tenente Miguel Délia, 31 | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; SPOSITO, 1987.

As Casas do Norte são um dos elementos que representam o processo de fixação dos migrantes de origem nordestina no bairro. Provavelmente estas “casas”, estabelecimentos comerciais voltados para a venda de produtos tipicamente nordestinos como queijos, bebidas, manteiga de garrafa, muitos deles trazidos do nordeste para serem vendidos no bairro, ou oferecimento de comidas que também fazem parte da culinária daquela região.

É possível que o surgimento deste tipo de comércio tenha origem na busca por recuperar os costumes e tradições estabelecidos no local de origem destes migrantes, porém a existência das casas do norte representam a ressignificação dessa cultura. Sua existência mostra a forma como a cultura nordestina se representa neste novo local, ou seja, através de determinados produtos de gênero alimentício, mas também acessórios e utensílios em geral.

Facilmente reconhecíveis por sua configuração simples, geralmente com mesas para refeições, um balcão de bar, muitas bebidas, elementos pendurados nas paredes como chapéus de couro ou de palha, garrafas de bebidas, canecas. Onde a música, geralmente o forró, é bastante presente.

A própria escolha do nome é interessante pois o termo “casa” remete ao espaço de acolhimento, o que pode justificar esta escolha. As casas são importantes referências para as pessoas, em muitos depoimentos os entrevistados citaram suas próprias casas como o local com que mais se identificam no bairro.

Por meio de pesquisa de campo foi possível identificar três Casas do Norte, sendo uma no perímetro mais próximo ao centro de São Miguel, e outras duas mais distanciadas, uma delas próxima à Avenida Nordestina e outra na Avenida Pires do Rio, conforme endereços indicados.



Palco em formato de chapéu de couro, implantado na praça do Forró.

Palco da Praça do Forró

Condição memória

Construção 1992

Localização Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia ARANTES, 1978; CALDEIRA, 1984; FONTES, 2002; MORCELLI, 2013. ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987.

A prática de tocar forró na praça foi uma manifestação que se iniciou nos anos 1960, segundo Fontes (2002), resultando na constituição de um espaço de identidade da cultura nordestina. Atraiu muitos moradores, não somente nordestinos ou descendentes destes, mas todos aqueles que por viverem neste contexto passaram a se identificar com a prática.

O palco em formato de chapéu de couro foi instalado na Praça do Forró em 1992, sob gestão da prefeita Luiza Erundina, visando a viabilização de grandes shows na praça, o que acabou oficializando a prática. Desta forma, foi utilizado para realização de shows, não somente de forró, consolidando o uso do espaço voltado e vivenciado pela população.

Entretanto, nos anos 2000 o palco foi demolido sob a justificativa de incompatibilidade de funções na praça, de acordo com o subprefeito da época. Um processo maior de reorganização paisagística da praça teve lugar. Este fato impediu a realização dos shows, afastando dali uma prática que era vista como não adequada àquele espaço.

Este fato causou revolta de parte da população que ali se reconhecia e utilizava a praça, confirmando-a como importante espaço de sociabilidade. Desde então, a inexistência de qualquer outro elemento que atraia pessoas para aquele espaço tem contribuído para o enfraquecimento das relações de pertencimento com ele.

Hoje, são feitas algumas atividades como feiras organizadas muitas vezes pela subprefeitura, mas elas não conseguem mais mobilizar e reunir tantas pessoas. Na contrapartida, ações como saraus na praça por parte de movimentos independentes, como o Movimento Aliança na Praça, tentam ser minimizados ou inviabilizados pelo órgão gestor da capela, o que mostra tensões e disputas por aquele espaço.

Desde 2013, com a mudança do acesso à estação de trem para a frente da Capela de São Miguel, o espaço da praça passou a ser mais um espaço de passagem que lazer. Conferindo à antiga sociabilidade que ali existia, em que se incluem o palco, os shows e encontros, uma referência ligada ao passado.

Formas de expressão



Apresentação de um trio de forró no antigo palco instalado na Praça do Forró, década de 1990.

Forró

Condição existente

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987.

Levado para São Miguel a partir da migração nordestina, o forró é praticado como forma de expressão desse grupo, em uma tentativa de reaproximação e rememoração de suas origens. Este ritmo é reproduzido em diversos locais do bairro, seja nas vilas ou em locais públicos abertos e casas de shows. A consideração do forró como referência cultural é importante por dois motivos. Primeiramente pelo próprio ato, mas também pela utilização de determinados espaços do bairro como forma de apropriação, valorizando-os.

Um importante local utilizado para esta prática foi a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, afetivamente apelidada Praça do Forró justamente por essa prática. O local foi significativamente utilizado como espaço de encontro e trocas de experiências musicais desde os anos 1960, como aponta Fontes (2002). Impulsionado nos anos 1980 através da atuação do Movimento Popular de Arte, segundo o entrevistado Edvaldo Santana. E entre 1992 e o início dos anos 2000 quando, com incentivo da prefeitura de São Paulo, montou-se um palco na praça, onde eram realizados os shows.

Além desta, o forró aparece dentro das vilas, das casas, dos bares, das casas de show, no comércio. Locais em que essa prática se faz presente, o que indica a inserção desta referência no cotidiano da população do bairro.

Ainda que este ritmo tenha sofrido modificações e reapropriações a partir do momento em que passou a ser praticado fora de seu local de origem, no caso o bairro de São Miguel, ele se tornou elemento de identidade no bairro, caracterizando-o como um dos locais representativos da presença nordestina na cidade.

Atualmente, esta prática está presente de outra forma no bairro, dividindo espaço com outros ritmos que ecoam nos estabelecimentos comerciais do centro. Além disso, a demolição do palco instalado na Praça do Forró responde a tentativa de inviabilizar os shows que aconteciam ali. Após a demolição grandes apresentações musicais não foram mais realizadas, porém ainda são organizados alguns encontros, como forma de resistência e reivindicação daquele espaço. Embora sua influência em termos de ocupação física de espaços do bairro tenha diminuído, ainda é praticado em casas de shows, como o Forró do Bolacha, localizado no centro de São Miguel, e dissipado por grupos como o Trio da Lua, o Trio Garapé, mas também em pequenos bares nas vilas, e nas casas das pessoas.



Atual sede do Esporte Clube Bahia, localizado na Vila Nitro Operária, 2017.

Futebol

Condição existente

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987; TONAKI, 2013.

A prática do futebol de várzea em São Miguel se desenvolveu a partir dos anos 1950, segundo Fontes (2002). O futebol foi responsável por articular redes e relacionamentos locais e induzir uma identidade nos bairros. Como aponta o autor, esta prática ia muito além do ato de jogar futebol, mas estava presente nas relações de vizinhança externadas nos times, pois eram a integração entre os moradores de uma determinada localidade. Os times eram como a representação da identidade do local onde residiam, compartilhavam experiências, dificuldades e solidariedade.

O futebol de várzea, além de ser uma prática muito representativa das camadas mais populares, é uma expressão de atividade de lazer. A várzea do Tietê, no caso, foi utilizada como um espaço propício dada sua geografia plana, mas também por ser local de ocupação por moradias em loteamentos populares.

Esta prática está presente nas lembranças de muitos entrevistados como Edvaldo Santana e Ivon de Souza. Mencionado tanto como parte do sistema assistencialista da Nitro Química, que organizava eventos nos campos dentro das dependências do clube, quanto aqueles organizados dentro das vilas, através de associações entre os moradores. Os locais mais retomados pelos entrevistados são as Vilas Curuçá, Nitroperária, Parque Paulistano, Vila Rosária, além do Clube da Nitro Química.

Como apontado pelos entrevistados e por Fontes (2002), dentro dessas vilas surgiram muitos times como o Esporte Clube Bahia, o Timbuca, o Esporte Clube São Miguel, o América, o Jardim São Vicente, o Botafogo, o Bandeirantes, o Esporte Clube Jardim Helena, o Vila Barbosa, o Avante Futebol Clube, o Curuçá, o Guarani da Vila Rosária, entre outros, cada um com seu campo e sua sede, sempre próximos às moradias daqueles que faziam parte da associação.

Além do aspecto geográfico de localização desses campos, os nomes dados aos clubes são elementos que agregam argumentos à discussão da presença dos migrantes nordestino no bairro, como o Esporte Clube Bahia, com nomes diretamente relacionados ao local de proveniência desses migrantes. A sede desses clubes eram importantes espaços de convivência dos moradores, lugares de sociabilidade, em que eram organizadas festas, segundo entrevistadas Elza da Silva e Cícera Manso, moradoras da Vila Nitroperária há mais de 50 anos.

Quanto à promoção do futebol pela Nitro Química, eram organizados amistosos com times de outras fábricas, mas também com times maiores e mais famosos como o Santos Futebol Clube. Isso, segundo Fontes (2002), era parte integrante das políticas para criação de ambiente familiar na empresa, promovendo aproximação entre empregados e empregadores.

A maioria dos campos de várzea mencionados não existem mais, mas em visita à Vila Nitroperária foi possível localizar a atual sede do Esporte Clube Bahia, como apresentado na imagem.



Vista aérea da região do centro de São Miguel Paulista, 2017.

Apito da Nitro Química

Condição memória

Ocorrência entre a década de 1950 e 1980

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; MORCELLI, 2013; ROCHA, 1992.

O apito soado pela Companhia Nitro Química Brasileira foi a forma como a empresa comunicava-se com seus funcionários. Enquadra-se como mais um dos elementos que denotam da presença da Companhia no bairro.

O simbolismo em implantar um sistema sonoro demarcando os horários de entrada, saída e troca de turnos dos funcionários, vai muito além da simples representação temporal. O apito representou uma forma de regulação da vida dos moradores do bairro como um todo, conformando-se praticamente como um relógio comunitário. Controlando a rotina não somente dos funcionários da fábrica, mas também do comércio e todas as outras atividades dos moradores dos arredores e também de regiões mais distantes.

De acordo com os entrevistados, além de marcar os horários mencionados, tocava durante 15 minutos para indicar a virada do ano. Confirmado a presença da fábrica como componente de uma cultura muito específica que se implantou em São Miguel, baseada em uma relação que ia além das relações de trabalho estabelecidas dentro da fábrica.



Sub-Sede do Sindicato dos Químicos em São Miguel Paulista, 2017.

Sindicato dos Químicos

Condição existente

Origem década de 1940

Gestão Sindicato dos Trabalhadores Químicos e Plásticos de São Paulo

Localização Rua Arlindo Colaço, 32 | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia ARANTES, 1978; CALDEIRA, 1984; FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

O Sindicato dos Trabalhadores Químicos de São Paulo surge como uma organização pela defesa dos direitos dos trabalhadores das indústrias químicas da cidade. Sendo a Nitro Química nos anos 1940, a principal indústria do bairro e também a que mais mobilizava trabalhadores deste ramo, foi necessária a construção de uma sub-sede do Sindicato no bairro. Por sua importância, número de trabalhadores e atuação do Partido Comunista, a Nitro se tornou a base fabril mais importante do Sindicato, segundo Fontes (1997).

O órgão foi responsável pela representação dos trabalhadores principalmente nos períodos de greves e mobilizações. A importância da Nitro Química para o Sindicato como um todo ficou clara em 1945, quando trabalhadores da Nitro foram eleitos para compor a diretoria do órgão, dando atenção às questões da própria fábrica, e no geral contribuindo com o poder de decisão nos rumos do órgão.

A partir da bibliografia, e em conversa com a entrevistada Sarah Aziz, foi possível descobrir que a primeira sub-sede do Sindicato em São Miguel foi instalada em um sobrado em um terreno onde hoje está localizado o Mercado Municipal. Quando de sua demolição para a construção do referido mercado, a sede se instalou onde está hoje, na Rua Arlindo Colaço.

Segundo Fontes (1997), além dos assuntos ligados diretamente à defesa dos direitos dos trabalhadores e busca por melhores condições de trabalho, uma série de serviços de auxílio ao operário foi estabelecido a partir dos anos 1940, muitos inclusive implantados antes dos programas assistencialistas na Nitro Química. Eram serviços como assistência médica dentária, advocacia, escola de alfabetização, até festas, concursos de beleza e viagens. Elementos que de certa forma competiam com as propostas da Nitro Química e do Círculo Operário. Segundo o entrevistado Edvaldo Santana, durante os anos de atuação do Movimento Popular de Arte houve uma relação bastante estreita com o sindicato, de ajuda mútua.

Atualmente, a sede continua ativa no bairro, embora a presença da Nitro Química não se dê mais de forma tão profunda como fora entre os anos 1940 a 1980. Porém é justamente essa manutenção que permite a compreensão da existência de uma sede do Sindicato no local, onde as pessoas costumavam se reunir, reivindicar, tomar decisões.



Jornal noticiando uma das principais greves da fábrica da Nitro Química, em 1957.

Partido Comunista

Origem 1946

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

A célula do Partido Comunista em São Miguel surgiu em 1946, sob o nome de Augusto Pinto, um militante do partido morto no presídio Maria Zélia. Segundo Fontes (1997), o surgimento e atuação do partido no bairro esteve diretamente relacionado à existência da Nitro Química. Com o objetivo de defender os diretos dos trabalhadores, em busca de melhores salários, condições de trabalho e vida, contra a exploração por parte da fábrica, a célula do PCB, juntamente com o Sindicato dos Químicos, foram as duas organizações responsáveis por mobilizações no bairro.

O crescimento da célula se deu com a adesão de trabalhadores, a partir da tomada de consciência da exploração de seu trabalho, identidade de classe e ideais comuns. Segundo Fontes (1997), no período da Segunda Guerra Mundial, a célula em São Miguel era composta de aproximadamente 2 mil pessoas. E de acordo com Rocha (1992), entrevistada e pesquisadora do bairro, neste período São Miguel era conhecido como um bairro vermelho, dada a força e influência que a referida célula exercia sobre as demais. Era, segundo os autores, o partido mais popular do bairro.

Com o objetivo de fazer frente ao avanço comunista e sindical no bairro, foi criado o Círculo Operário, uma organização liderada pela Nitro Química, em parceria com a igreja católica, e setores conservadores do bairro. A Nitro Química posicionou-se sempre contra a atuação do partido, tendo demitido funcionários comunistas ou simpatizantes do partido.

Segundo Fontes (1997), em 1947 a sede do PCB no bairro foi fechada, e o Partido foi colocado na ilegalidade, com a tentativa de diminuir sua influência dentro da fábrica. Ainda assim, a atuação do Partido e do Sindicato continuaram acontecendo. Adelço de Almeida, adepto do partido e trabalhador da fábrica, foi um dos maiores líderes operários. Líder da greve de 1957, foi presidente do Sindicato dos Químicos de 1956 até 1964, ano de sua cassação. A partir de então a perseguição aos comunistas durante o regime militar resultou no enfraquecimento do partido no bairro.



Greve dos trabalhadores da Nitro Química contra a insalubridade do trabalho na fábrica, 1986.

Greves dos trabalhadores da Nitro Química

Condição memória

Ocorrência entre a década de 1940 e 1990

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

As greves organizadas pelos trabalhadores da Nitro Química ocorreram em diversos momentos sendo 1945, 1946, 1948, 1953, 1954, 1957, 1958, 1963, 1986, 1992, 1993 os anos citados tanto pelos autores pesquisados, como Fontes (2002), Rocha (1992) e Tonaki (2013), como por entrevistados, como Manoel da Silva e Orlando Fonseca. Estes episódios podem ser entendidos como a resposta do grupo de trabalhadores quanto à exploração do trabalhador, frente ao recrudescimento das relações dos patrões com os funcionários. Externando o esgotamento dos projetos de disciplinarização e dominação implantado pela empresa.

Estes acontecimentos estão muito relacionados aos anos em que a Nitro Química entrou em processo de crise. As greves foram respondidas com demissões em massa e restrição de acesso aos equipamentos de serviços sociais.

Em um quadro mais amplo, estes episódios se encaixam no contexto de luta pela defesa dos direitos do trabalhador, que vinha sendo reivindicado em outras fábricas da cidade. Um exemplo disso foi a adesão dos trabalhadores da Nitro à Greve dos 400 mil, em 1957, um dos principais momentos de mobilização no bairro.

As referências à fábrica se fazem presente de diferentes maneiras na fala dos entrevistados. É considerada a grande instituição responsável por fornecer ao bairro equipamentos de saúde, educação, lazer; mas também é retomada como espaço de trabalho pesado. O que cria uma relação muito tênue entre o saudosismo e a noção do quanto eram explorados.

Os episódios das greves são rememorados por Manoel da Silva, Luíza de Araújo e Orlando Fonseca como negativos. Dos entrevistados que trabalharam na Nitro entre os anos 1940 e 1980 apenas um deles citou ter participado de uma das greves, mas conta que se arrependeu, pois com isso sua filha perdeu o direito de frequentar a creche. Todos os outros dizem não ter participado, contando as formas como conseguiam entrar para trabalhar quando as entradas eram bloqueadas.

A organização das greves em São Miguel mostra tanto a força da presença da fábrica ali, quanto a capacidade de organização dos trabalhadores, respaldados pelo Sindicato e pelo Partido Comunista.



Exemplares do Jornal da Nitro Química publicados na década de 1980 e 1990.

Jornal da Nitro Química

Condição memória

Organização Companhia Nitro Química Brasileira

Ocorrência 1953 a década de 1990

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

O jornal produzindo e veiculado pela Companhia foi uma das formas de comunicação da empresa com seus funcionários. Começou a ser publicado em 1953 com o nome Nitro Jornal, posteriormente mudado para Nitro Notícias. Foi veiculado até aproximadamente os anos 1990, com distribuição gratuita a seus funcionários.

Através deste meio de comunicação, a Nitro Química buscou apresentar as benfeitorias e melhorias que eram feitas na fábrica, valorizando sua ação de assistência social, segurança no trabalho e investimento nos funcionários. Com o objetivo de reforçar as vantagens de se trabalhar na fábrica, ressaltando a importância de sua atuação no bairro como um todo.

Alguns autores pesquisados como Tonaki (2013) e Fontes (2002) citam esses jornais como uma forma de reforçar a noção da “família nitrina”, buscando ser mais forte que a própria identidade de bairro. As notícias buscavam mostrar quão importante era a manutenção da boa relação entre os trabalhadores e a fábrica. Para isto, muitas eram as formas de construção de discurso com objetivo de reforço dessa identidade. Os prêmios dados aos funcionários eram apresentados no jornal, assim como as festas organizadas no Clube. Além disso, tratava o trabalhador como “colaborador”, lançando mão de discursos para exaltar o orgulho de trabalhar na fábrica.



Jornal retomando o momento em que membros do Movimento Popular Autonomista entregaram do pedido de emancipação do bairro à Assembleia Legislativa.

Movimento Popular Autonomista

Condição memória

Ocorrência 1953 a 1963

Bibliografia FONTES, 2002; ROCHA, 1992.

O Movimento Popular Autonomista surgiu em 1953, organizado por um grupo de comerciantes e funcionários públicos com o objetivo de buscar emancipação política e econômica para o distrito de São Miguel Paulista. Neste ano o movimento fracassou, mas em 1962 foi rearticulado e, com a rearticulação das propostas, ocorreram novas manifestações, segundo Rocha (1992).

Como justificativa para a organização, o grupo citava a falta de atenção do poder público para com o bairro, principalmente no fornecimento de infraestrutura, como rede de água e esgoto encanados, saneamento básico, telefonia, iluminação pública e equipamentos assistenciais no geral. O surgimento desta organização dentro de um grupo específico, os comerciantes, denota a importância e poder que esse grupo vinha tomando no contexto do bairro, culminando na formação de um movimento e elaboração de proposta de emancipação.

A proposta era investir os recursos arrecadados com as atividades exercidas no distrito, suprindo assim demanda da população. Segundo Fontes (2002), os organizadores acreditavam que os lucros advindos da indústria local, representada pela Nitro Química principalmente, seriam suficientes para garantir o desenvolvimento do bairro.

Os comícios do MPA eram realizados no centro do bairro, principalmente na Praça Getúlio Vargas Filho. Em 1963 a proposta foi levada à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, porém não foi aceita, e com isso o movimento perdeu popularidade e se desintegrou.

Embora seus ideais não tenham sido alcançados, o movimento foi importante para chamar atenção para a precariedade de um bairro que na década de 1960 já contava com 65.000 habitantes, segundo Fontes (2002). Ainda que tenha se dissolvido, surtiu efeito com a construção de alguns importantes equipamentos no bairro, como o Mercado Municipal, inaugurado em 1967, uma delegacia, e nos anos 1970 e 1980 a instalação da Companhia de Saneamento Básico.



Atividade realizada em frente à capela de São Miguel Arcanjo durante a Programação Experimental do Movimento Popular de Arte, 1978.

Movimento Popular de Arte

Condição memória

Ocorrência 1978 a meados de 1986

Bibliografia ARANTES, 1978, 1981, 1984, 2013; CALDEIRA, 1984; SPOSITO, 1987.

O Movimento Popular de Arte surgiu em dezembro de 1978, a partir da organização de artistas locais sob orientação do antropólogo Antônio Augusto Arantes, cujo objetivo era propor um projeto de revitalização para a Capela de São Miguel Arcanjo. O antropólogo, observando a riqueza e amplitude da produção cultural do bairro, já existentes através de grupos de teatro, cantores, pintores, poetas, repentistas, entre outros, organizou reuniões com o objetivo de instigá-los a propor um uso à capela a partir de suas práticas culturais.

Dessa forma, esses grupos foram aglutinados e organizaram a chamada Programação Experimental. Um evento que aconteceu em dezembro de 1978, em que os espaços da Praça do Forró e da Capela de São Miguel Arcanjo foram ocupados com diversas atividades como apresentações teatrais, música, saraus, apresentações folclóricas nordestinas, duplas sertanejas, entre outras.

Observada a grande adesão ao movimento, no qual a participação popular chegou a aproximadamente 4 mil pessoas, o grupo de artistas formalizou um projeto para ocupação da capela, com o objetivo de reaproximar-se e dar um uso àquele espaço, fechado por aproximadamente dez anos.

Porém, excedido o tempo concedido para uso da capela, o mês de dezembro de 1978, o MPA foi impedido de continuar utilizando-a. Assim, prosseguiu com apresentações na Praça do Forró, e em outros espaços no bairro, como a Vila Curuçá e dos distritos próximos, como o Itaim Paulista e Ermelino Matarazzo, sob uma proposta chamada de Praças de Arte.

Durante os anos 1981 e 1984 organizaram-se em sede própria, um edifício na Avenida Marechal Tito. Porém, com poucos recursos tiveram dificuldades em se manter e acabaram saindo do local. O último espaço conquistado pelo grupo foi o chamado MPA Circo, instalado entre 1985 e 1986 em um terreno na Avenida Nordestina, a partir do incentivo da Secretaria de Cultura.

Segundo Sposito (1987), desde o período da sede na Avenida Marechal Tito até o ano final do MPA Circo, ocorreram muitas modificações no grupo. Alguns artistas optaram por seguir carreira solo, e aos poucos o grupo foi enfraquecendo. Entretanto, o MPA conseguiu mostrar a força das organizações de bairro, da produção cultural na periferia, e a importância do uso para a sobrevivência do patrimônio edificado, como no caso da capela de São Miguel.

Este foi um momento em que a população se viu ocupando todos os espaços da capela de outra forma, que não a religiosa. O MPA foi importante também por estimular a ocupação da praça através da prática do forró. Este processo foi muito importante para que os moradores do bairro se entendessem como pertencentes àquele local e também responsáveis por sua preservação. Além disso, marcou definitivamente a carreira de muitos artistas do bairro, atuantes até os dias de hoje como Edvaldo Santana.



Festa realizada no Kaikan, 2011.

Língua japonesa

Condição existente

Língua falada ou entendida entre os integrantes da comunidade japonesa no bairro, como forma de manutenção de sua identidade. Presente na sede da Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel Paulista, aflora em muitas formas de expressão realizadas neste, como na música, prática do taiko e na própria prática da língua em aulas de japonês.



Inscrições em língua árabe na cúpula da Mesquita de São Miguel Paulista, 2017.

Língua árabe

Condição existente

Língua falada ou entendida entre os integrantes da comunidade árabe no bairro, como forma de manutenção de sua identidade. Presente no alcorão, nas celebrações religiosas, na música, e em alguns dizeres impressos na sala de rezas da mesquita de São Miguel, como na imagem.

Celebrações



Festa de carnaval da Sede Social do Clube da Nitro Química, sem data.

Festas no Clube da Nitro Química

Condição memória

Organização Companhia Nitro Química Brasileira

Localização Sede Social do Clube de Regatas. Avenida Dr. José Artur Nova
São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; SPOSITO, 1987.

As festas realizadas nos salões da Nitro Química, entre as décadas de 1940 a 1990, representavam importantes momentos de sociabilidade. Abrangentes não somente aos trabalhadores da fábrica, ou suas famílias, mas a toda população do bairro.

Nestas ocasiões eram organizados shows de música, carnavais, apresentações teatrais, concursos de beleza, poesia, entre outros. Estes eventos foram durante muitos anos os mais famosos e frequentados no bairro, segundo a fala de entrevistados como Luíza de Araújo, Orlando Fonseca, Ivon de Souza e Cícera Manso.

Segundo Fontes (2002), estas festas eram uma forma de encontro e contato entre os moradores do bairro. Conferindo aos locais onde eram realizadas, à Sede Social do Clube principalmente, lugar de identidade para a população. Hoje se constitui como uma das principais referências culturais para os entrevistados.



Desfile cívico em comemoração ao aniversário de São Miguel, por volta da década de 1970.

Desfiles cívicos

Condição existente

Organização Subprefeitura de São Miguel Paulista

Localização Avenida Marechal Tito | São Miguel Paulista, São Paulo, SP

Bibliografia ROCHA, 1992.

Os desfiles cívicos no bairro de São Miguel eram realizados por dois motivos, em comemoração à independência do Brasil, e ao aniversário do bairro, inseridos na lógica dos desfiles cívicos incentivados durante o período militar. Costumam ser realizados no mês de setembro, na Avenida Marechal Tito, geridos pela municipalidade, com apoio das escolas públicas do bairro, grupos de dança, banda de fanfarra, associações culturais árabe, portuguesa e japonesa, entre outros.

São realizados anualmente, apesar de não mobilizarem mais tantas organizações e pessoas como durante as décadas de 1970 e 1980, segundo depoimentos dos entrevistados. Como decorrência disso, estão mais presentes na memória dos moradores mais antigos do bairro, que costumavam participar dos desfiles. Como conta Cícera Manso, mencionando-o como uma das principais celebrações do bairro, que mobilizavam a maior parte da população, se não para desfilar, mas para assistir.

São rememorados como o momento de ratificação de um orgulho do bairro, da escola que representavam, demonstrados através de muitos elementos, como o ato de carregar a bandeira da escola, do bairro, vestir o uniforme que muitas vezes era confeccionado para aquela ocasião, cantar hinos e músicas. Constitui-se, portanto, como referência da identidade miguelense.



Cartaz de divulgação do evento em comemoração ao aniversário de São Miguel, 2016.

Aniversário de São Miguel Paulista

Condição existente

Organização Subprefeitura de São Miguel Paulista

Localização Praça Fortunato da Silveira | São Miguel Paulista,
São Paulo, SP

Os festejos em comemoração ao aniversário de São Miguel Paulista são uma das poucas expressões culturais vigentes que tem significado para a população. Acontecem no mês de setembro, em que diversas atividades e serviços são oferecidos e preparados pela população do bairro. Dentre estas, as chamadas “festa das nações” ou “festa dos povos”, é o tipo de celebração interessante ao trabalho, tanto por sua proposta, como pela forma como é realizada. Esta celebração atribui ao ano de 1622, quando foi finalizada a construção da capela de São Miguel Arcanjo, o marco de fundação do bairro.

A proposta da festa é reunir os grupos que convencionalmente são considerados como componentes da constituição étnica do bairro, divididos em japoneses, sírio-libaneses, portugueses e brasileiros para apresentar aquilo que reconhecem como constituintes de sua tradição. Anteriormente, estas comemorações aconteciam de forma separada, sendo cada uma destinada a um grupo identitário.

Organizados em associações, os portugueses e japoneses, realizavam as festas em suas sedes, e os sírio-libaneses, que normalmente utilizavam o espaço da Prefeitura Regional do bairro. Uma última festa, conhecida como festa brasileira, era organizada com o objetivo de englobar o grupo dos migrantes do bairro, também realizada no espaço da Prefeitura Regional. Atualmente, a festa se concentra em dois dias de comemoração, um final de semana, e é realizada em uma praça do bairro, Praça Fortunato da Silveira, mais conhecida como Praça do Morumbizinho, em que os grupos compartilham o espaço.

Os grupos têm abertura para apresentação daquilo que consideram típicos de sua tradição, seja através de apresentações musicais, dança, comida, vestimentas e artesanato. É uma festa bastante referencial para os moradores do bairro, pois se conforma como um momento de encontros familiares e entre amigos, permitindo que artistas locais apresentem seus trabalhos. Permite também a aproximação da população do bairro a aspectos culturais diferentes dos seus, dado que a proposta de apresentação da cultura dos três grupos mencionados se faz presente de forma celebrativa, apresentando elementos quase folclóricos, como a dança do ventre, e o taiko, por exemplo.

Entretanto, é interessante perceber o valor dado a cada um desses grupos, separando os sírio-libaneses, portugueses e japoneses como os principais grupos, antes dignos de festas temáticas próprias. Por outro lado, a consideração do “brasileiro” como um único grupo acaba por generalizar a identidade dos diferentes grupos de migrantes. Além disso, pode-se considerar que a escolha por estes grupos mostre a tentativa de afirmação e seleção de determinados grupos em detrimento de outros. Valorizando mais os imigrantes que os migrantes.



Comunidade japonesa vestida em trajes típicos durante uma celebração na Praça da Paz, 2016.

Celebrações da cultura japonesa

Condição existente

Organização Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel Paulista

Localização Praça São João de Cortês, 8 | São Miguel Paulista
São Paulo, SP

A Associação Cultural e Desportiva Nikkei é responsável por organizar uma série de festas ao longo do ano, com o intuito de preservação da cultura japonesa no bairro, como relatado por Tizuko Mikan. Realizadas na maioria das vezes dentro da própria sede da Associação, o Kaikan, buscam representar algumas festas realizadas no Japão. Constituem-se como momento de encontro e lazer não somente para as famílias de ascendência japonesa, mas também para toda a população do bairro.

Nestas festas são comercializadas comidas típicas, acontecem apresentações de grupos de dança, canto, exibições de taiko e performances artísticas, em que os intérpretes se vestem com trajes tradicionais japoneses.

Em muitos momentos, a praça onde a sede da associação se encontra, conhecida como Praça da Paz, também é utilizada para realização destas festas, o que resultou em sua agregação como espaço de identidade do grupo de ascendência japonesa no bairro.



Festa na Casa de Brunhosinho, 2013.

Celebrações da cultura portuguesa

Condição existente

Organização Associação Cultural e Recreativa Casa de Brunhosinho

Localização Rua Georgina Diniz Braghiroli, 30 | Vila Curuçá
São Paulo, SP

As festas realizadas pela comunidade portuguesa são realizadas em sua própria sede, a Casa de Brunhosinho, em todos os últimos sábados do mês. É o momento em que o grupo de dança faz apresentações usando roupas típicas ao som de músicas portuguesas. Durante as festas também são vendidas comidas com bolinho de bacalhau, pastéis de Belém e Santa Clara, caldo verde, e também as roupas utilizadas na dança.

Por se autodenominar um Rancho Folclórico fica mais evidente que a proposta destas festas é justamente celebrar a cultura portuguesa por meio de elementos que foram eleitos como representantes dessa tradição, como as roupas típicas.

Através do depoimento de João dos Santos foi possível entender a importância destas celebrações para os descendentes de portugueses, como momentos de encontro e sociabilidade. O relato do entrevistado também permitiu observar a interação da comunidade no bairro, quando diz que muitos participantes da organização da festa não são descendentes de portugueses, mas sim nortistas, nordestinos, e miguelenses no geral, por se identificarem e gostarem destas comemorações.



Celebração do “Eid al-Fitr”, o fim do Ramadã, no interior da mesquita de São Miguel Paulista, 2014.

Celebrações da cultura islâmica

Condição existente

Organização Sociedade Beneficente Cultural Islâmica de São Miguel Paulista

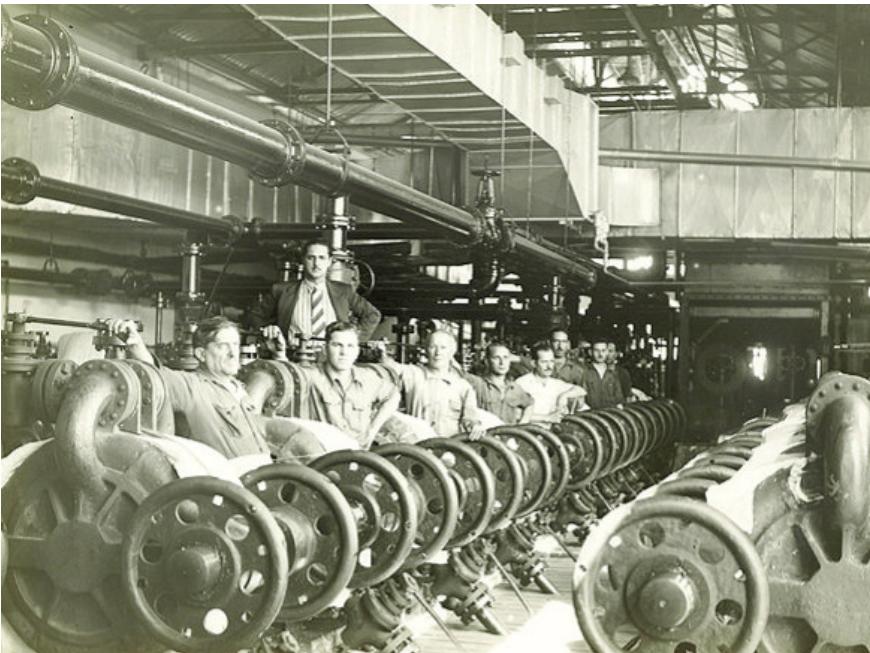
Localização Rua Capitão Manuel Guimarães, 700 | São Miguel Paulista
São Paulo, SP

As celebrações realizadas no espaço da mesquita de São Miguel correspondem em grande parte ao calendário islâmico. São elas o *Eid al-father* o mês do ramadã, o *Eid eh adha*, o dia do sacrifício, o *Eid mawalid al nabaoui*, o nascimento do profeta Maomé, e rezas todas as sextas-feiras às 12h, realizadas dentro do espaço de oração da mesquita.

Segundo as entrevistadas Fátima Beydoun e Leila Saleh, nas comemorações de fim do Ramadã, os associados preparam cafés da manhã e oferecem a todos que participarão das rezas, feitas em conjunto. Existe ainda uma celebração realizada 70 dias após o fim do Ramadã, chamada “o dia do sacrifício” em que, em um ritual religioso, são abatidos carneiros para a preparação do almoço.

Além destas, são também realizadas festas com música, dança e comidas tradicionais. Estas celebrações mostram que, ainda que em número menor, a comunidade árabe se faz presente no bairro e tenta, através destas práticas, manter o que consideram ser os costumes de sua religião.

Ofícios



Trabalhadores na área de filtração de colódio, Companhia Nitro Química, 1939.

Ofícios ligados ao trabalho na Nitro Química: mecânico, operador de conicaleira, segurança, encarregado, engenheiro e apontador

Condição memória

Origem 1935

Bibliografia FONTES, 1997, 2002; ROCHA, 1992; TONAKI, 2013.

Ao longo das entrevistas, os interlocutores Manoel da Silva, Walmira da Silva, Luíza de Araújo, Eldvaldo Santana, Orlando Fonseca e Cícera Manso citaram alguns ofícios realizados dentro a fábrica da Nitro Química, foram eles: mecânico, operadora de conicaleira, segurança, encarregado, engenheiro e apontador.

Aqueles voltados à mecânica, operador de conicaleira (uma máquina que enrola fios em carreteis cônicos), segurança e apontador, fazem parte dos ramos que absorviam a mão de obra no geral, com pouca ou nenhuma especialização. Já os cargos de engenheiro e encarregado eram voltados aos profissionais que passaram por alguma qualificação prévia, principalmente o de engenheiro, ofício indicado pelos entrevistados como um dos mais importantes da fábrica.



Mala utilizada por um imigrante libanês, em sua atividade como mascate no bairro de São Miguel. Pertencente à entrevistada Antônia Sarah Aziz Rocha.

Mascate

Condição memória

O ofício do mascate era exercido de forma mais significativa pelos imigrantes árabes, que começaram a se instalar no bairro de São Miguel por volta da década de 1950. Atraídos pelo crescimento do bairro, se transferiram para lá com o objetivo de estabelecer pontos de comércio.

A atividade inicial desses imigrantes era a mascateação, em que os homens, na maioria dos casos, transitavam em charretes vendendo de porta em porta, artigos de cama, mesa, banho e tecidos. Segundo a entrevistada Sarah Aziz, representavam praticamente a única possibilidade de compra de artigos desse tipo, dado que as grandes redes de lojas ainda não haviam chegado no bairro, como acontece hoje. Após conseguir alguma reserva de dinheiro, abriam seus estabelecimentos comerciais voltados à venda de móveis, na maioria dos casos. Muitos deles foram estabelecidos na Avenida Marechal Tito, inicialmente, mas também da Avenida Pires do Rio, em anos subsequentes.

Em muitos casos, os imigrantes construíam suas residências em um andar acima da loja, configurando um tipo muito comum no bairro, com loja de móveis no térreo e habitação no segundo pavimento. Essa forma era muito conveniente pois permitia o estabelecimento da dupla função moradia e trabalho.

O ofício do mascate desapareceu na medida em que estes imigrantes conseguiam abrir seus comércios. Porém, a partir da instalação de grandes redes de lojas, como Casas Bahia, Lojas Pernambucanas, esses pequenos comércios não conseguiram vencer a concorrência e acabaram fechando. Assim própria figura do comerciante árabe também vem diminuindo no bairro. Atualmente os imigrantes ou seus descendentes continuam sendo donos de alguns edifícios comerciais, porém alugam para as grandes redes de lojas de móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos, principalmente.



Comerciantes do bairro, 1981.

Comerciante

Condição existente

O ofício do comerciante é um dos mais antigos do bairro, dado que a distância e dificuldade de acesso ao centro da cidade fez com que o bairro crescesse de forma a suprir as demandas de sua população.

Inicialmente com pequenos armazéns, depois com lojas maiores, em que a presença do imigrante árabe se fazia bastante presente nas lojas de móveis, principalmente. Mas também eram notáveis os bares, farmácias, açougue, voltados às necessidades básicas da população.

Após o apogeu da atuação da Nitro Química no bairro, a função comercial se tornou a principal atividade econômica. Conforme o bairro crescia a níveis cada vez maiores, o pequeno comércio dava lugar às grandes lojas, que se sobressaem atualmente, embora sobrevivam ainda um ou outro pequeno comércio.

Segundo alguns entrevistados como João dos Santos, o comércio foi o grande propulsor do desenvolvimento do bairro, e não a fábrica da Nitro Química. Embora ela fosse muito importante e presente em São Miguel, não estabeleceu relações econômicas suficientes para proporcionar o crescimento do bairro, segundo o entrevistado. O que ficou evidente após a crise da fábrica, momento em que o comércio passa a se afirmar como principal atividade econômica do bairro.

Os comerciantes em São Miguel formaram durante muito tempo a camada mais abastada do bairro, tendo conseguido força política para lutar, pela emancipação de São Miguel, em um movimento chamado Movimento Popular Autonomista, embora não tenham logrado êxito.

Atualmente, a zona comercial de São Miguel Paulista corresponde a uma das maiores da cidade, comparada à da Rua 25 de Março e à região do Brás. É, portanto, a grande referência de local de compras de todos os tipos para os moradores da região.

Referências das imagens

Edificações

- Ficha 1.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 2.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 3.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 4.** Vander Ramos, 2013. Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/17810-estacoes-de-sao-miguel-paulista#foto-299706>>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- Ficha 5.** Carlos Ferreira, 2013. Fonte: Carlos Ferreira, *São Miguel Paulista, 391 anos, 391 fotos*, 2013, p. 391.
- Ficha 6.** Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim, adaptado pela autora.
- Ficha 7.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 8.** Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- Ficha 9.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 10.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 11.** Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 31 mar. 2017.
- Ficha 12.** Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 31 mar. 2017
- Ficha 13.** Autor desconhecido. Fonte: acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de São Miguel Paulista. Disponível em: <<https://felipegodoy.wordpress.com/sao-miguel-paulista/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- Ficha 14.** Ivon Pinheiro de Souza, 2016. Fonte: Philippe dos Reis (org.), *Passeando Pelas Ruas: Reflexões sobre o patrimônio paulistano*, 2017, p. 41.
- Ficha 15.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.

- Ficha 16.** Fonte: Google Street View, 2015.
- Ficha 17.** Daniel Lima, 2009. Fonte: Panoramio. Disponível em: <[www.panoramio.com.](http://www.panoramio.com/)>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- Ficha 18.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 19.** Fonte: Avany Ferreira & Mirela Mello, *Arquitetura Escolar Paulista, anos 1950 e 1960*, 2006, p. 77.
- Ficha 20** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 21.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 22.** Autor desconhecido. Fonte: Wikimapia. Disponível em: <wikimapia.org/10671958/pt/ACDNSMP-Associa%C3%A7%C3%A3o-Cultural-e-Desportiva-Nikkei-de-Sao-Miguel-Paulista>. Acesso em: 21 mar. 2017.
- Ficha 23.** Fonte: Google Street View, 2015.
- Ficha 24.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 25.** Fonte: Google Street View, 2015.

Lugares

- Ficha 26.** Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim.
- Ficha 27.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 28.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 29.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 30.** Autor Desconhecido. Fonte: TV Integração São Miguel Paulista. Disponível em: <<http://www.tvcintegracao.com/2014/03/flagrante-de-mais-um-orelhao-danificado.html>>. Acesso em: 7 jun. 2017.
- Ficha 31.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 32.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 33.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 34.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 35.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 36.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 37.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 38.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 39.** Fonte: Google Street View, 2015.
- Ficha 40.** Daniel Lima, 2007. Fonte: Panorâmio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/53133875>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

- Ficha 41.** Autor desconhecido. Fonte: Portal São Miguel Paulista. Disponível em: <http://saomiguelpaulista.com.br/portal/?secao=fotos_cidade>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- Ficha 42.** Autor desconhecido. Fonte: Cemitério.net. Disponível em: <<http://www.cemiterio.net/cemiterio-da-saudade-sao-miguel-paulista/>>. Acesso em 12-04-2017.
- Ficha 43.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 44.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 45.** Autor desconhecido. Fonte: acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de São Miguel. Disponível em: <http://www.itaimpaulista.com.br/portal/index.php?secao=news&subsecao=16&id_noticia=2299>. Acesso em: 12 abr. 2017.

Formas de expressão

- Ficha 46.** Autor desconhecido. Fonte: Portal Itaim Paulista. Disponível em: <http://itaimpaulista.com.br/portal/index.php?secao=news&id_noticia=339&subsecao=21>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- Ficha 47.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 48.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 49.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 50.** Fonte: Sarah Aziz Rocha, *O bairro à sombra da chaminé. Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Cia Nitro Química de São Miguel Paulista (1935-1960)*, 1992, p. 151.
- Ficha 51.** Vera Jursys, 1986. Fonte: Sindicato dos Químicos de São Paulo. Disponível em: <<http://linhadotempo.quimicosp.org.br/noticia/nitro-quimica-responde-por-saude-de-funcionarios-a1ec?index=27>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- Ficha 52.** Acervo pessoal. Disponível em: <http://www.betoborges.net/comunicacao/comun_jornais/comun_jor_06.htm> Acesso em: 27 mai. 2017.
- Ficha 53.** Acervo pessoal. Disponível em: <<https://centrallestnoticias.com.br/alro/noticia/Sao-Miguel-Paulista/3385/a-epoca-que-sao-miguel-quis-se-separar-de-sao-paulo>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

- Ficha 54.** Autor desconhecido. Fonte: Departamento do Patrimônio Histórico. In: Arantes, *On the crossroads of preservation: revitalizing São Miguel chapel in a working class district of São Paulo*, 2013, p. 113.
- Ficha 55.** Autor desconhecido. Fonte: Revista eletrônica de São Miguel. Disponível em: <<http://revistaeletronicadesaomiguel.blogspot.com.br/2011/04/associacao-cultural-e-desportiva-nikkei.html>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- Ficha 56.** Rada Jamil Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.

Celebrações

- Ficha 57.** Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 28 mai. 2017.
- Ficha 58.** Autor desconhecido. Fonte: acervo da família Velucci. Disponível em: <<http://notasdesaomiguel.blogspot.com.br/2012/05/volta-do-desfile-civico-na-avenida.html>>. Acesso em: 24 mar. 2017.
- Ficha 59.** Disponível em: <<http://www.festejosdesaomiguel.com.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- Ficha 60.** Márcio Galvão, 2016. Fonte: Página do Kaikan no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Kaikan-S%C3%A3o-Miguel/131931317009543>>. Acesso em: 28 mai. 2017.
- Ficha 61.** Autor desconhecido. Fonte: Casa de Brunhosinho. Disponível em: <<http://www.brunhosinho.com.br/rancho/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- Ficha 62.** Autor desconhecido. Fonte: Islam Brasil. Disponível em: <<http://islamismobr.blogspot.com.br/2015/02/a-mesquita-de-sao-miguel-paulista.html>>. Acesso em: 24 mar. 2017

Ofícios

- Ficha 63.** Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim.
- Ficha 64.** Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- Ficha 65.** Autor desconhecido. Fonte: acervo da família Darwiche.

Referências bibliográficas

- ABREU, Ivanir Reis Neves. *Convênio Escolar: utopia construída*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-13052010-152451/pt-br.php>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- ALMEIDA, Patrícia Freire de; MARCELINO, Júlio César José & NETO João Luiz de Brito (orgs.). *Movimentações pela cultura: um painel dos movimentos culturais da região Leste de São Paulo (1980-1990)*. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2014.
- ALMEIDA. Patrícia Freire de (org.). *Territórios de Ururay*. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2016.
- ARANTES, Antônio Augusto & ANDRADE, Marília de. A demanda da igreja velha: análise de um conflito entre artistas populares e órgãos de Estado. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 24, p. 97-107, janeiro/dezembro, 1981. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110970/109316>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- _____. On the crossroads of preservation: revitalizing São Miguel chapel in a working class district of São Paulo. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 95-133, janeiro/junho, 2013. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v10n1/antonio-a-arantes-on-the-crossroads-of-preservation/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- _____. *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*. São Paulo, 1978, (mimeo.).
- _____. Revitalização da capela de São Miguel Paulista. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 149-174.
- AZEVEDO, Aroldo Edgar de. *Subúrbios orientais de São Paulo*. Tese (cadeira de Geografia do Brasil) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- BOMTEMPI, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Oficinas de Artes Gráficas Bisordi S.A, 1970. (Coleção História dos Bairros de São Paulo. Prefeitura Municipal - Secretaria da Educação de Cultura, v. VII).
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONPRESP. *Estudo para abertura de tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura, 2010.

CONPRESP. *Estudo para abertura de tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura, 2011.

FERREIRA, Avany de Francisco & MELLO, Mirela Gieger de. *Arquitetura Escolar Paulista, anos 1950 e 1960*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2006.

FERREIRA, Carlos Alberto Prata. *São Miguel Paulista, 391 anos, 391 fotos*. São Paulo: Editora Do Autor, 2013.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

MORCELLI, Danilo da Costa. *Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do rio Tietê*. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2013.

REIS, Philippe Arthur dos (org.). *Passeando Pelas Ruas: Reflexões sobre o patrimônio paulistano*. São Paulo: Passeando Pelas Ruas, 2017.

ROCHA, Antônia Sarah Aziz. *O bairro à sombra da chaminé. Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Cia Nitro Química de São Miguel Paulista (1935-1960)*. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

SAIA, Luís. O alpendre nas capelas brasileiras. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, v.3, p. 235-250, 1939. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat03_m.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.) *Memória do Movimento Popular de Arte do bairro de São Miguel: cultura, arte e educação*. São Paulo, Núcleo de Estudos de Sociologia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1987.

TONAKI, Luciana Lepe. *A Companhia Nitro Química Brasileira: indústria e vila operária em São Miguel Paulista*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-28042014-152126/pt-br.php>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

VIANA, Myrna Therezinha Rego. *São Miguel Paulista. O chão dos desterrados: um estudo de migração e de urbanização.* Tese (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1982.

Documentos

CONPRESP, Processo de Tombamento n. 2003-0.077.479-2, Companhia Nitro Química Brasileira.

IPHAN, Processo de Tombamento n. 0180-T-38, Capela de São Miguel Arcanjo.

Periódicos

Nitro Notícias. Maio, 1989.

Nitro Notícias. Julho/agosto, 1989.

Nitro Notícias. Setembro/outubro, 1989.

Nitro Notícias. Novembro, 1989.

Nitro Notícias. Março/abril, 1990.

Nitro Notícias. Maio/junho, 1990.

Nitro Notícias. Julho/agosto, 1990.

Nitro Notícias. Setembro/outubro, 1990.

Nitro Notícias. Janeiro/fevereiro, 1991.

